

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

RENAN HENRIQUE MESSIAS DE PAULO

**DESIGUALDADE DO CAMPO BRASILEIRO E LUTA PELA TERRA EM JORGE
AMADO: UMA ANÁLISE DE TERRAS DO SEM-FIM**

São Paulo

2020

RENAN HENRIQUE MESSIAS DE PAULO

Desigualdade do campo brasileiro e luta pela terra em Jorge Amado: uma análise de Terras do sem-fim

Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo para a obtenção de título de bacharel em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Suzuki

São Paulo

2020

*Aos meus pais, Ana e Celso, e ao menino grapiúna
dedico*

*As cidades restarão silenciosas, sem um veículo:
apenas os pés de seus habitantes reunidos na
praça, à espera de seus nomes.*

Adélia Prado

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, sou extremamente grato aos meus pais que sempre me apoiaram, incentivaram e acreditaram em mim, em meus projetos e em meus sonhos. Sem eles eu certamente não estaria concluindo esta monografia e me formando na Universidade de São Paulo.

Agradeço meu querido professor e orientador Prof. Dr. Júlio César Suzuki pelas contribuições, direcionamentos, e influência acadêmica. Sou grato, sobretudo, por ter encontrado minha luz naquilo que reproduz uma pesquisa de qualidade, poética, apaixonante e aventureira.

À querida Prof. Dra. Rosa Ester Rossini, inestimável exemplo de mulher, pesquisadora e de ser Humano que me acolheu logo no primeiro ano para me orientar, auxiliar e abrir meus horizontes ainda tão ingênuos e imaturos de um garoto de dezoito anos. Com sua amizade e afinidade, pude descobrir os caminhos geográficos e, especialmente, aprendi a olhar o mundo com olhos sensíveis.

À amável Prof. Dra. Amélia Luisa Damiani, uma mulher incrível que fez com que eu me apaixonasse pela Geografia Urbana num curso muito especial, empático e sensível. Certamente é uma das pessoas que mais admiro e me inspiro.

Aos meus outros professores que eu pude ter contato e a chance de conhecer, na qual possuo uma admiração sem igual.

À minha amada vó, Maria, que nos primeiros meses do primeiro ano me ajudou financeiramente a me manter na cidade grande. Assim como meus tios Osvaldo e Sônia.

Aos meus inestimáveis amigos que conheci na faculdade que puderam partilhar boas conversas não só sobre o meio acadêmico, mas também sobre a vida e a visão de mundo.

À Sara, Giovanna e Alex que sempre me ouviram e me ofereceram apoio, torcida e muito carinho no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos companheiros do Laboplan que me acolheram ainda prematuro para iniciar minha carreira na pesquisa, que dividiram comigo bons momentos no trabalho de campo na minha região. À Aline, Mateus e Pedro que dividiram seus conhecimentos e me inspiraram.

Aos amigos que fiz no meu estágio na Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo, lugar este que passei dois anos com muito aprendizado e apurando ainda mais meu olhar e o senso crítico para às queimadas e a degradação ambiental.

Ao meu grupo de leitura cronológica da obra completa de Jorge Amado que foi iniciado em 2018 e, de lá pra cá, meu amor pelos romances do autor foi incondicional. Ainda sobre o grupo, gostaria de agradecer a todos os integrantes que passaram esses anos comigo compartilhando suas leituras e realizando belíssimas discussões. Posso considerar que esta pesquisa reverbera comigo desde o nascimento do grupo.

Por fim, sou grato a minha irmã pelo incentivo de sempre.

À minha família.

Para concluir, sou muito grato a Deus que me guiou com muita sabedoria e serenidade nesses anos da graduação.

RESUMO

A relação entre Geografia e Literatura é bastante antiga, com forte expressão, no Brasil, nas últimas duas décadas. Pretende-se, assim, viabilizar e observar a literatura sob à luz das geografias encontradas na obra Terras do sem-fim, de Jorge Amado, valorizando sobretudo as construções das relações sócio espaciais, na miríade de possibilidades de presença de suas ruralidades, desigualdades e a presença da questão agrária como elemento norteador de toda a obra, que condensa muita luta, desigualdade e conquistas. O objetivo da pesquisa, tão logo, é produzir um olhar crítico para o campo brasileiro esboçado pela literatura. Como metodologia, foram utilizados autores da área da geografia, teóricos literários e a própria obra na qual foi analisada e interpretada. Nota-se, portanto, que a produção do espaço agrário brasileiro foi acompanhada com conflitos, contradições e desigualdades.

Palavras-Chave: Agrária; Geografia e literatura; Desigualdade; Luta; Jorge Amado.

ABSTRACT

The relation between Geography and Literature is very old, with strong expression, in Brazil, in the last two decades. It is intended, therefore, to make feasible and observe literature in the light of the geographies found in the work *Terras do sem-fim*, by Jorge Amado, valuing above all the constructions of socio-spatial relations, in the myriad possibilities of presence of their ruralities, inequalities and the presence of the agrarian issue as a guiding element in the entire work, which condenses much struggle, inequality and achievements. The objective of the research, so soon, is to produce a critical look at the Brazilian field outlined by the literature. As methodology, geography authors, literary theorists and the work in which it was analyzed and interpreted were used. It is noted, therefore, that the production of the Brazilian agrarian space was accompanied by conflicts, contradictions and inequalities.

Keywords: Agrarian; Geograpy and Literature; Struggle; Inequality; Jorge Amado.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Territorialidades na obra Terras do sem fim	41
--	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – MESORREGIÕES DO ESTADO DA BAHIA COM DESTAQUE AO SUL BAIANO.....	72
Mapa 2 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ILHÉUS NO ESTADO DA BAHIA.....	73

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Categorias segundo a CPT dos assassinados no campo em 2019.....	81
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - O ROMANCE ROMÂNTICO E SOCIAL.....	24
CAPÍTULO 2 - TERRAS DO SEM-FIM.....	37
CAPÍTULO 3 - O DESENVOLVIMENTO CONFLITUOSO DO ESPAÇO AGRÁRIO.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS.....	82

INTRODUÇÃO

“Diante da grandiosidade da natureza, o brasileiro pensou que isto fosse um circo. E virou palhaço...” – O país do carnaval, Jorge Amado

A terra nunca foi vista como ela deveria ser, a ganância, a exploração e o interesse lucrativo transformam esse bem natural em disputas de políticas hegemônicas, propagando lutas, desigualdades e pobreza.

A pornografia da pobreza da terra já fora muito bem retratada, além das ciências humanas em pesquisas e questões levantadas, mas para, além disso: na literatura. No caso brasileiro, a literatura nacional carrega grandes histórias sobre a questão agrária dessa nação que, desde seus primórdios na colonização, vem sofrendo ataques exploratórios e opressores.

Não é muito diferente que, ao analisar o contexto na qual essa pesquisa foi realizada, a terra ainda é um palco de grandes disputas, sobretudo políticas e econômicas. No que tange a questão social, restam aos grupos remanescentes dessas áreas interioranas e sertanejas, o movimento de resistência pela vida, pela moradia, pela subsistência e, ainda, na manutenção cultural de seus modos de vida.

Num País onde a grande fonte de renda é oriunda de *commodities* e, ainda, matérias primas, esse espaço agrário receberá grandes movimentações de empresas de políticas públicas que incentivem o desenvolvimento de técnicas no campo, bem como o avanço do agronegócio.

Entretanto, o avanço, quando desrespeita os limites humanos e naturais, é tão nocivo à sociedade a ponto de transformar esse domínio do campo pelas grandes corporações e figuras políticas num ato de ataque à diversas instâncias e sujeitos, bem como a agricultura familiar, comunidades indígenas, quilombolas, ribeirinhos e remanescentes caipiras por toda extensão do país. Além disso, a devastação de biomas naturais é uma das mais tristes consequências da troca das vegetações nativas pela monocultura para exportação.

As tensões levantadas por essas disputas de interesses pela terra são marcadas, muitas vezes, pelo sangue. Cabe aos cientistas sociais estudarem e compreenderem esses conflitos

para, quem sabe, poder encontrar saídas dialéticas dessa catástrofe que o Brasil ainda convive.

É sabido que é impossível tratar dessa questão tão abrangente do campo brasileiro sobre o mesmo olhar, como se todas as lutas marcadas fossem as mesmas. O Brasil é heterogêneo, assim como seu povo e suas lutas. Não é possível, então, tentar compreender a questão da agricultura familiar com a mesma ótica da luta dos indígenas pela terra, mesmo que esses dois grupos possuam uma especial motivação em comum: a resistência. Porém, é importante analisar e refletir o campo com a sensibilidade e com os olhos críticos para assim, colher reflexões importantes e cabíveis sobre a desigualdade no campo brasileiro no contexto recente.

Mas para poder compreender o campo, bem como suas dinâmicas territoriais, de apropriação e reprodução de modos de vidas e, ainda, atividades econômicas, se faz necessário um debate importante dentro da geografia quanto ciência que é a compreensão do conceito de Natureza. Conceito esse que sofre alterações no decorrer da história do pensamento geográfico, mas que carrega consigo a sua suscetível influência na qual a sociedade se apropria da natureza, do natural e das naturalizações sociais.

O campo brasileiro sempre foi marcado por disputas territoriais, políticas, sociais e econômicas. A apropriação de forças maiores sob o interesse do capital dizimou, no decorrer da história, milhares de povos indígenas, comunidades tradicionais e vegetações nativas não apenas no Brasil, mas também em toda a América do Sul. Sendo assim, o processo de ocupação desse espaço carrega, em sua essência, conflitos.

“Conflitos sociais no campo, no Brasil, não são uma exclusividade de nossos tempos. São, isto sim, uma das marcas do desenvolvimento e do processo de ocupação do campo no país.” (OLIVEIRA, 1996, p.11)

Com isso, quando as minorias estão nesses conflitos, reivindicando seus direitos, esse movimento está atrelado pelo reconhecimento e, sobretudo, na luta pela resistência.

São memórias da capacidade de resistência e de construção desses expropriados na busca pelo espaço livre onde possam ser proprietários coletivos de um tempo descompromissado com o relógio capitalista. São também memórias da capacidade destruidora do capital e dos capitalistas perante o temor de uma destruição inevitável. (OLIVEIRA, 1996, p. 13)

As lutas no campo acompanham o processo histórico do desenvolvimento do espaço agrário brasileiro, marcado, muitas vezes por sangue, insatisfações e controle da vida, como é o caso dos indígenas, que sempre foram desapropriados de suas terras em prol do capital.

A imprensa brasileira tem registrado as evidências e as marcas da violência presentes nos conflitos sociais do campo brasileiro. Notícias sobre assassinatos de posseiros, bóias-frias, líderes sindicais, agentes pastorais, padres e advogados têm sido comuns entre nós. Talvez pelo fato de terem se tornado quase diárias, ninguém mais toma sequer conhecimento delas. Com ou sem indiferença geral, a verdade é que muitos brasileiros perderam a vida na luta por um pedaço de terra no território do latifúndio. (OLIVEIRA, 1996, p. 15)

A apropriação da natureza pelo homem não indígena está pautada na sua produção e transformando-a numa fonte de renda e lucro.

Ao estabelecer intercâmbio com a natureza, em particular a terra, compreendendo água, fauna, flora, relevo, recursos minerais, ciclo das estações, fecundidade etc., o homem apropria-se dela e a transforma. Transforma-se ele também com ela. Transfigura-se. [...] A humanização da terra, segundo as condições da sociedade burguesa, compreende a sua transfiguração em relação social, relação de produção, propriedade burguesa. A natureza transfigura-se em histórias na trama das relações de produção das contradições de classes. (IANNI, 2004, p. 174)

Hoje em dia, todo discurso sobre a natureza está fadado às influências políticas sobre o conceito, tão logo, essa artimanha está associada ao uso da natureza e a sua transformação para o lucro.

A natureza é pensada como dada, externa, estoque de recursos disponível para o usufruto humano. Ao mesmo tempo, também se adota uma noção de natureza abstrata, apoiada pela ciência física, concebida como um conjunto de objetos e fenômenos gerais que compõem uma ordem estável e universal. Em ambas as formas de representação, prevalece uma visão reducionista e objetivista, que concebe cada elemento individualmente, em sua composição e funcionamento próprios. O conceito de natureza da ciência moderna contribui para reafirmar a ordem social estabelecida, uma ordem em que a produção e circulação de mercadorias (coisas) assumem um papel central e a natureza é transformada em meio de produção em escala mundial. (MARQUES, 2019, p. 176)

Porém, essa apropriação e ressignificação da natureza como uma matéria a ser utilizada pelo capital está designada a entrar em conflito com sujeitos que a enxergam de outra maneira. Esse conflito se baseia, também, no modo de apropriação da natureza. A força que rege nosso sistema hoje não dialoga com as diferentes comunidades, ela apenas usufrui do que a natureza pode oferecer, desconsiderando os sujeitos nela inserida, as vivências e, assim, a história ali presente.

Enquanto que o homem branco redefine a natureza sob seus interesses, os indígenas não perdem seus valores e crenças tradicionais. Temos então:

Antropomorfização da natureza e desumanização do homem [...] Na verdade, a relação que uma sociedade humana mantém com seu meio é reflexo da relação que ela mantém consigo mesma. O propósito subjacente ao que podemos chamar de sistema universal de poder da sociedade globalizada, ao qual o mundo está submetido e duplo: desumanizar o homem e antropomorfizar a natureza. A antropomorfização da natureza é um processo imediatamente reconhecido, basta constatar as profundas intervenções conduzidas pelo homem sobre o meio físico terrestre. Por outro lado, o processo de desumanização a que nos referimos não é de apreensão imediata. Trata-se de um complexo processo de alienação do homem em relação a si mesmo, processo este promovido por um conjunto de fatores. (COLÂNGELO, 2019, p.193)

Não é apenas o capital que tem essa mentalidade, por estarmos inseridos nesse mundo, acabamos por nos apropriar desse pensamento, naturalizando tudo a nossa volta. Um exemplo literário importante, que cabe na pesquisa, uma vez que ela se desenvolverá sob a ótica da literatura, o poema “Bucólica Nostálgica” de Adélia Prado, grande referência da literatura brasileira e uma autora que aborda, principalmente, a vida interiorana, traz essa reflexão da naturalização das coisas.

BUCÓLICA NOSTÁLGICA

Ao entardecer no mato, a casa entre bananeiras, pés-de-manjerição
e
cravo-santo, aparece dourada.

Dentro dela, agachados, na porta da rua, sentados no fogão, ou
aí mesmo, rápidos como se fossem ao Êxodo, comem feijão com
arroz, taioba,
ora-pronobis, muitas vezes abóbora.
Depois café na canequinha e pito.
O que um homem precisa para falar, entre enxada e sono:
Louvado seja Deus! (PRADO, 2008, p. 48)

A natureza vai além das frutas, especiarias e alimentos, mas sim no cotidiano desse eu lírico que reproduz um modo de vida tradicional. Isso também é natureza, é a natureza do ser caipira, do camponês, que justamente replica a vivência, a cultura herdada. Para ele, o trabalho e a religiosidade é o que importa, é o natural.

Outro ponto importante no poema é a figura da casa. Ela não surgiu sozinha, houve um processo que a levou ser construída, bem como os materiais que foram utilizados, e a força do trabalho para levantá-la. Essa sensibilidade de análise é fundamental para não cairmos no que Colângelo (2019) diz sobre a antropomorfização, conceito já levantado anteriormente.

Com o olhar do materialismo dialético, trabalha-se justamente com as diferenciações das visões de natureza entre os povos.

Essa diferenciação do ser humano em relação às outras formas de vida e à natureza em geral representa uma separação radical do ponto de vista da lógica formal e do positivismo, porém, para a dialética, ela deve ser compreendida de forma relacional. Um caminho frequentemente adotado pelo materialismo dialético para tratar dessa diferença ressalta a distinção entre primeira natureza, natureza natural, e segunda natureza ambiente social criado pelo ser humano. (MARQUES, 2019, p.182)

Com o materialismo dialético, foi possível abordar as diversas visões de diferentes povos sobre o conceito de natureza. Com isso, essa pesquisa e o olhar do pesquisador presente está direcionado e pautado sobre a produção da natureza.

[...] tem-se buscado compreender a mediação exercida entre ser humano e natureza pelo processo de produção social, ora da

perspectiva da internalização da natureza neste processo com o uso do conceito de produção da natureza, ora na perspectiva da internalização da produção no processo de reprodução da natureza e da vida como conceito de metabolismo sociedade e natureza. (MARQUES, 2019, p.184)

Quando é tratado dessa produção da natureza, também se pode entrar no discurso das comunidades tradicionais, como os indígenas e os quilombolas. Essas comunidades também produzem e reproduzem a natureza, mesmo que de forma menos agressiva e com respeito pelo natural.

O respeito que essas comunidades e a gratidão que os mesmos tem com aquele meio também é um aspecto cultural daqueles povos. Mesmo que eles tenham transformado sua natureza e, em consequência, sua terra em renda, ainda podemos enxergar certo respeito em seus diálogos e sua produção social.

A produção social da natureza, mesmo que com um viés da necessidade, também caiu às graças do sistema maior que oprime a todos. O capitalismo exige que, mesmo as comunidades que são símbolos de resistências culturais, sociais e econômicas, se insiram no capital para poderem sobreviver. E nessa luta pela resistência, aqueles personagens do espaço agrário brasileiro que também produz e reproduz sua natureza para poderem se manter e, em muitos casos, isso implica em desenvolver técnicas e saberes que perpassam as heranças culturais.

Em relação ao solo agrícola, pode-se dizer que a propriedade da terra dá àquele que a possui o direito de cobrar uma renda pelo seu uso e, sendo um bem finito, ele tem o seu preço aumentado na medida em que cresce a demanda por alimentos e matérias-primas. [...] Por outro lado, a produção da natureza passa a ocorrer por meio de processos e transformações intensivos com a utilização de novas técnicas [...] (MARQUES, 2019, p.185)

Em consequência, reproduzir as técnicas e se apropriar da natureza está associado, também, ao modo de vida que camponeses e as comunidades tradicionais carregam. Segundo Marques, o modo de vida está atrelado a dialética de separação / integração em relação à sociedade global, considerando todas as suas particularidades.

“[...]o modo de vida corresponde a um conjunto de práticas cotidianas desenvolvidas por um determinado grupo social e decorrentes de sua história, da posição que ocupa na sociedade envolvente e da forma específica que assegura a sua reprodução social. Corresponde à forma de um determinado grupo social manifestar sua vida.” (MARQUES, 1994, p. 4)

A manifestação vai além da vida, atravessa pelos direitos de subsistência, o direito pela terra e pela guarda da natureza natural. Tão logo, se faz necessário um reconhecimento dos conflitos que circundam o Brasil e ter a sensibilidade de poder pôr em prática a empatia e notar a importância da diversidade em nosso país.

Esse reconhecimento de todos se faz necessário, ainda assim, pois todas as sociedades são suscetíveis a enfrentarem conflitos e, quando são as minorias, os impactos desses conflitos, sobretudo políticos, são estrondosos.

São conflitos geográficos na medida em que só logramos compreender sua essência na medida em que mergulhamos na compreensão tanto da sua dimensão espacial, quanto da sua dimensão social, da luta de classes propriamente dita. Conflitos geográficos, na perspectiva de que se tentarmos compreendê-los apenas pelo viés social ou pelo viés ambiental, nos escapará sua lógica. A lógica dos conflitos no capitalismo traz consigo sua dimensão indissociável e, portanto, geográfica. (BOMBARDI, 2019, p.213)

E mais do que no reconhecimento de um povo, cabe a população compreender as lutas que a sociedade campestre enfrenta. Uma das maneiras possíveis de buscar o reconhecimento de um povo se dá pela arte. Nesse estudo, a busca pelo reconhecimento e compreensão da desigualdade no campo brasileiro e a luta pela terra se baseia através da literatura regional de Jorge Amado na obra *Terras do sem-fim* (1943). É aí que a literatura entra como um instrumento de compreensão, empatia e oportunidade para poder mostrar ao mundo o embate vivido por aqueles que sofrem a opressão, por lutas territoriais e hegemônicas pela terra, seus conflitos e a sua história, numa representação pela arte.

Sendo a arte, a Literatura permite discutir as vicissitudes da vida e os conflitos dos homens, pois ela marca a sua presença no mundo e fala de suas dívidas, de seus medos, de sua revolta, de sua

linguagem, que, como tal, é capaz de revelar a dimensão e a essência humana. Aliando-se à arte, as teorias estética, social e filosófica completaram os estudos, concorrendo para a compreensão do cotidiano e da contemporaneidade. (PAPES, 2008, p. 22)

Partindo das categorias geográficas possíveis para uma pesquisa que abrace a geografia e a literatura, essa monografia visa uma análise geografia-literária do romance *Terras do sem-fim* do Jorge Amado, livro renomado de um dos maiores brasileiros lidos em todos os tempos.

A literatura brasileira, com sua diversidade de temas retratados e, no caso de Jorge que defende o movimento modernista de 30, permite que o debate das problemáticas sociais brasileiras sejam denunciadas, debatidas e estudadas. Ainda, tem contribuído e se importado com questões pertinentes à dinâmica social vigente e suas relações do literato e social.

Existem algumas categorias geográficas que podem ser exploradas numa análise literária, como Júlio César Suzuki esboça.

[...] podemos apontar que categorias geográficas diversas foram utilizadas: lugar, região, paisagem, território, cidade, campo, fronteira; estando estas relacionadas a outras, como imagem, símbolo, sujeito, existência, imaginário, sensibilidade. (SUZUKI, 2017, p. 136)

Os estudos geográficos literários tiveram um início ainda no século XIX, mas as produções destas pesquisas tiveram um avanço, sobretudo, nas últimas décadas no Brasil. Essa proximidade entre as duas áreas se materializavam nas discussões acerca das descrições das paisagens.

[...] as análises geográficas de textos literários, iniciadas no século XIX, avançam pelo século XX, proliferando-se abundantemente, principalmente nas últimas duas décadas. [...] Ainda que houvesse proximidade de linguagem com as Letras, sobretudo no que concerne à descrição da paisagem, categoria prioritária de suas análises. (SUZUKI, 2017, p.130)

Uma vez que a geografia também leva seu interesse à área de estudo das interpretações literárias, para Suzuki (2017), os geógrafos convivem com certas dificuldades para realizar suas pesquisas na área de análise literária.

[...] a atenção deve ser redobrada ao se utilizar de uma linguagem extremamente literária, com extrema proximidade com a Literatura, já que esta é, por natureza, uma complexidade de leituras, particularmente ao integrar variadas possibilidades de interpretação e de compreensão do mundo, relacionadas com as perspectivas de onde se originam as leituras: a do escritor e do leitor. (SUZUKI, 2017, p.131)

Um aspecto relevante e especial na abordagem literária e geográfica está relacionada com a questão metodológica, uma vez que as duas áreas se preocupam em atingir uma dimensão social, visando e explicitando as desigualdades e diferenças na obra, seja no imaginário quanto na realidade na qual a obra está inserida.

Em termos metodológicos, houve presença forte de leituras que se edificaram a partir da dimensão social, com o uso de categorias como desigualdade e diferença, em diálogo forte com as tendências sociológicas de análise de texto; bem como outras relacionadas mais diretamente à Geografia Humana, Cultural e Fenomenológica, com a discussão de imagens presentes nas obras de referência. (SUZUKI, 2017, p.137)

A necessidade de estudos voltados à área da geografia e literatura surge com um papel importante numa nova faceta de desvendar as categorias geográficas na literatura como maneiras diversas na compreensão do mundo.

No aprimoramento das leituras geográficas da Literatura, propusemos que tentássemos nos aproximar mais da forma do texto como uma mediação importante e necessária na construção da interpretação; que o debate teórico-metodológico fosse aprofundado para as relações entre Geografia e Literatura. (SUZUKI, 2017, p.141)

Por fim, o envolvimento dessas duas áreas de estudo viabiliza novas compreensões e simbolismos que ultrapassam os sentidos já explorados.

Desse modo, a literatura abre-se ao enigma da vastidão do espaço e a Geografia mergulha na amplidão do simbólico e da imaginação. Todavia, a representação dos lugares, das paisagens culturais urbanas e sertanejas não se esgota na literatura. (SILVA & SUZUKI, 2016, p.9)

Como explorado brevemente nesta introdução, a pesquisa terá como objetivo realizar a leitura da obra de Jorge Amado à luz dos conceitos trabalhados da geografia, encontrando, assim, as desigualdades sociais que constituem a obra como um todo. As marcas exploratórias e o desejo acima de tudo para conquistar a terra a qualquer custo.

O desenvolvimento desse trabalho contará com o apoio teórico de vários autores que contribuíram e contribuem com os assuntos que envolvem a literatura e a geografia agrária, como Milton Santos, Antonio Candido, José de Souza Martins e Ariovaldo U. de Oliveira.

A base teórica dessa pesquisa se concentra em pesquisadores que tiveram um aprofundamento importante na área da geografia agrária e em questões como modo de vida, desigualdade social, contradições do espaço agrário brasileiro. Além de teóricos que possuem trabalhos sobre a área da geografia e da literatura.

Por fim, realiza-se uma interpretação e análise da obra *Terras do sem-fim* sob o foco e temas da geografia, sendo estes possíveis de serem encontrados e debatidos na literatura comparada.

Assim sendo, para uma melhor dinâmica dessa monografia, cabe sintetizar aqui a estrutura da pesquisa, como ela se arquiteta.

Dividido em três capítulos, a principal tese que tange todos os capítulos é a interpretação da obra à luz da geografia, e compreendendo como a desigualdade e como o capital pode ser nocivo à sociedade.

No primeiro capítulo, O romance romântico e social, será destinado a uma revisão da literatura dos principais escritores que movimentaram e representaram a geração modernista de 30, sobretudo àqueles que traçaram em sua literatura a questão interiorana

do Brasil e seus conflitos com a terra. Além disso, encontra-se um estudo sobre a produção de Jorge Amado e a sua importância para a literatura, cultura e política brasileira.

Já no segundo capítulo, Terras do sem-fim, é destinado a uma releitura da obra de Jorge Amado e o diálogo com as geografias presentes, a caracterização dos sujeitos e a compreensão da obra em seu contexto.

Por fim, no terceiro e último capítulo, O espaço agrário, discorre sobre a obra e seu diálogo com a geografia agrária, compreendendo as lutas pela terra expostas na obra e suas consequências.

Num contexto na qual a violência na terra ainda persevere e os agentes capazes de lutar contra tal movimento fomentam e cultuam os conflitos e a disseminação do medo e do ódio, este trabalho surge com a necessidade e a inspiração de promover uma reflexão sobre a problemática e, sobretudo, de ser resistência.

CAPÍTULO 1 - O ROMANCE ROMÂNTICO E SOCIAL

“A poesia não está somente nos versos, por vezes ela está no coração, e é tamanha, a ponto de não caber nas palavras.”

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá, Jorge Amado

Escrever sobre Jorge Amado é escrever sobre amor, cultura, sonhos, luta, literatura e, acima de tudo, sobre meu escritor favorito. Os temas levantados por ele em todos seus livros formatam nas palavras um Brasil real, próximo e que enfrentou diferentes problemas.

O protagonismo, em grande parte das suas obras, duma população marginalizada das forças políticas e do sistema capitalista é fortemente presente nos romances. Dar a voz e a visibilidade para as lutas dos menos favorecidos e valorizados fez com que Jorge obtivesse essa como uma das suas principais características.

Esse capítulo tem como objetivo discorrer um pouco sobre essa figura tão relevante e que elevou a literatura brasileira à nível internacional de reconhecimento.

Grandes obras como *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) e *Tieta do Agreste* (1977) alcançaram tamanha notoriedade que fizeram com que o até então famoso escritor baiano seja considerado um dos maiores nomes da literatura.

Utilizando estudos sobre o autor e suas próprias palavras, tentou-se compreender o espaço que o mesmo tomou nas áreas que ultrapassaram as linhas de seus livros, bem como sua contribuição para os estudos sociais, culturais e, neste caso, geográficos.

No que tange a questão levantada nesta monografia, o debate agrário em *Terras do sem-fim*, reconstrói-se neste capítulo o contexto e os possíveis gatilhos para Jorge Amado se aventurar nessas terras e debates.

Em *O menino grapiúna*, Jorge Amado reconta sua própria história e especialmente daquele menino e sua infância, os momentos que a marcaram e contribuíram para a formação da ilustre figura mais tarde. Moacyr Scliar no posfácio do livro diz que o Jorge é o Brasil, numa espécie de personificação.

“Jorge Amado é a Bahia. Jorge Amado é o Brasil. Disso não precisamos ter nenhuma dúvida. Basta ler seus livros; e basta recordar sua trajetória, da qual O menino grapiúna dá um testemunho importante.” (SCLIAR, 2012, p. 60)

Como dito, o livro-testemunho acompanha os primeiros anos de vida do escritor. Os acontecimentos que marcaram a infância de Jorge foram essenciais no desencadeamento de histórias que foram desenvolvidas a posteriori. As experiências de vida foram tão significantes que ultrapassaram a memória e passaram a serem ilustradas na ficção.

Nascido em Itabuna, Bahia, Jorge Amado morou na zona rural boa parte dos primeiros anos de vida. Se viu num meio onde jagunços, coronéis e camponeses eram a maior parcela da população. Além disso, o fato das mulheres serem vistas como menores no contexto social também o impactou muito. O cacau era a maior fonte de riqueza e esse permitiu diversas dinâmicas sociais, econômicas e políticas no decorrer do tempo.

Num contexto social marcado pelo machismo, violência e opressão é que Jorge Amado se forma, o que faz com que suas obras repulsem totalmente as mazelas de sua época, mantendo suas denúncias ferozmente.

Não só com o pai rodou pelas roças e cidades, também com os jagunços de maior confiança dele [...]. Nas casas de putas, aguardava-os na sala, e as moradoras o entretinham com o que se lembrava “atenção maternal”. Ainda não chegara o tempo de frequentá-las”. Os meninos haviam de se iniciar com éguas da roça, Furta-Cor era a de Jorge. [...] Mães e putas conversavam naquela cidade e naquela época. [...] As distinções sociais não ditavam costumes, ao menos não determinavam com quem se podia falar. Tal licença para a comunicação não reduzia as exigências de conduta. As mulheres se mantinham reprimidas na mesma proporção em que tudo se permitia aos homens. (AGUIAR, 2018, p. 18)

Não obstante, algumas obras se passam com a presença do cacau e suas consequências. Mais tarde Jorge desenvolve romances que retratam sobre a temática cacaueira e suas consequências. É o que vemos nos romances com as principais mulheres de Jorge, representando símbolos de mulheres fortes, resilientes, autênticas e que permitem o sonho e a mudança.

Como um reflexo de suas próprias experiências, muitos livros refletem momentos pelos quais Jorge Amado buscou em sua própria vivência para passar as memórias para a

ficção. *O menino grapiúna*, livro lançado em 1992, revive os principais acontecimentos que marcaram sua infância. Logo no primeiro capítulo o leitor é deparado com o principal tema da obra na qual esta monografia se dedica, *Terras do sem-fim*, que é a luta marcada pela terra.

[...] a égua tombando morta, meu pai, lavado em sangue, erguendo-me do chão. Eu tinha dez meses de idade, engatinhava na varanda da casa ao fim do crepúsculo quando as primeiras sombras da noite desciam sobre os cacauais de recente plantação, sobre a mata virgem, inóspita e antiga. Desbravador de terras, meu pai erguera sua casa mais além de Ferradas, povoado do jovem município de Itabuna, plantara cacau, a riqueza do mundo. Na época das grandes lutas. A luta pela posse das matas, terra de ninguém, se alastrava nas tocaias, nas trincadas políticas, nos encontros de jagunços no sul do estado da Bahia; negociavam-se animais, armas e a vida humana. Em busca do El-Dorado, onde o dinheiro era cama de gato, chegava a mão de obra, vinda do alto sertão das secas ou de Sergipe da pobreza e da falta de trabalho – os “alugados”, os bons de foice e enxada e os bons de pontaria. Pagos numa tabela alta, os jagunços de tiro certo tinham regalias. As cruzeiras demarcavam os caminhos do alardeado progresso da região, os cadáveres estrumavam os cacauais. Meu pai cortava cana para a égua sua montaria predileta. O jagunço, postado atrás de uma goiabeira, a repetição apoiada na forquilha de um galho [...], esperou o bom momento para descarregar a arma. O que teria salvo o condenado? Um movimento brusco dele ou da égua, talvez, pois o animal recebeu a bala mortal, enquanto nos ombros e nas costas do coronel João Amado de Faria vieram incrustar-se caroços de chumbo que ele jamais retirou, visíveis sob a pele até o fim da vida. Exibidos com certa relutância e alguma vaidade para ilustrar a repetida narrativa de minha mãe. Ainda conseguiu o ferido levantar o filho e leva-lo até a cozinha onde dona Eulália preparava o jantar. Entregou-lhe o menino coberto com o sangue paterno. (AMADO, 2012, p. 9-10)

Quase que em sua própria pele, as marcas que seu pai carregara por toda a vida repercutiram na literatura de Jorge. Além de todo o lado ideológico e político que suas obras apresentam, outro aspecto fundamental para se compreender a literatura do escritor baiano, o sentimentalismo.

Sobre essa influência de suas próprias experiências nas obras, Jorge diz:

Os personagens das obras de ficção resultam da soma de figuras que e impuseram ao autor, que fazem parte de sua experiência vital. Assim são os coronéis do cacau nos livros onde trato da região

grapiúna, nos quais tentei recriar a saga da conquista da terra e as etapas da construção de uma cultura própria. (AMADO, 2012, p. 37)

Jorge ainda na infância, influenciado pela figura do tio, se encontrou em diversas aventuras, conheceu os primeiros vestibulos e, com essas mulheres guerreiras e marginalizadas, encontrou colo, amor e carinho. Mais tarde frequentou escola jesuíta e viu nos livros refúgio para suas leituras e primeiros exercícios de escrita. Pode-se concluir que nesse momento da vida, o pequeno escritor até então teve uma vida intensa.

[...] nessa primeira infância de terra violentada, de homens em armas, num mundo primitivo de epidemias, pestes, serpentes, sangue e cruzeiros nos caminhos e, ao mesmo tempo, de mar e brisa, de praia e canções, meninas de doce enlevo. Entre Pontal e Pirangi, antevi o amor e tratei com a morte. A vida do menino foi intensa e sôfrega. (AMADO, 2012, p. 27)

Antonio Candido, um dos maiores críticos e pesquisadores da literatura teceu uma crítica sobre Jorge Amado e *Terras do sem-fim* em *Poesia, documento e história*. Partindo da ideia de que Jorge produz romances sociais, o mesmo discorre sobre a segunda geração modernista e suas particularidades.

Preocupado com as mazelas de sua contemporaneidade, Jorge Amado transpassa essa preocupação para seus livros, privilegiando personagens que muitas vezes foram deixados de lado ou descritos de forma estereotipadas em outros momentos na literatura brasileira.

No trabalho de revelação do povo como criador, que assinala atrás, nenhum escritor se apresenta de maneira mais característica do que Jorge Amado. Os seus livros penetram na poesia do povo, estilizam-na, transformam-na em criação própria, trazendo o proletário e o trabalhador rural, o negro e o branco, para a sua experiência artística e humana, pois ele quis e soube viver a deles. Se encarmos em conjunto a sua obra, veremos que ela se desdobra segundo uma dialética da poesia e do documento, este tentando levar o autor para o romance social, o romance proletário que ele quis fazer entre nós, a primeira arrastando-o para um tratamento por assim dizer intemporal dos homens e das coisas. (CANDIDO, 1992, p. 44)

Para compreender a produção de Jorge, Candido define algumas características imprescindíveis que apareceram, até então nos romances anteriores: Documento e poesia.

O país do carnaval (1931), *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935), *Mar morto* (1936), *Capitães da areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941) e *O cavaleiro da esperança* (1942), livros anteriores a *Terras do sem-fim* de 1943, são livros muito diversos e “instáveis”, já que em cada obra a formula estética muda de Documento ou poesia. É cabível comparar a dicotomia razão x emoção com documento x poesia.

Documento são aquelas obras que se apresentam mais a ideologia do autor. Já poesia prevalece as obras marcadas por sentimentos. Um dos exemplos dentre as obras anteriores é que em *Cacau* encontra-se uma obra puramente “documento”, já em *Mar morto*, Iemanjá nos conduz ao encontro da poesia.

Ainda guardando a potência da literatura engajada, Jorge Amado atinge um grau de excelência ao lançar *Terras do sem-fim*, recebendo boas críticas dentre os críticos e recepção favorável entre os leitores da época. O mais incrível de tudo isso se baseou no equilíbrio e a dialética na qual o autor conseguiu trabalhar, sendo um romance documentário, poético e histórico.

Em *Terras do sem fim*, chegamos como que à solução do movimento dialético assinalado: chegamos, por assim dizer, à fórmula da estética de Jorge Amado. Documento e poesia se fundem harmoniosamente através do romance histórico. Porque este livro é de certo modo um romance histórico [...]. Para o autor, diga-se desde agora, não poderia haver solução melhor. (CANDIDO, 1992, p. 45)

Tanto foi o êxito de Jorge com a obra que o mesmo conseguiu agregar elementos de romance histórico e se afastar da literatura meramente proletária. Além disso, na equação dos estilos documento + poesia + história, o resultado é o enriquecimento da arte e da sua compreensão humana.

Jorge Amado é um autor entre a prosa e a poesia. Se sua obra é um movimento dialético entre o documento e a poesia, sua forma é uma confluência desta e da prosa. É um lugar em que se coloca, a igual distância de ambas, armado com a realidade de uma e o mistério da outra. O significado humano dos personagens de Jorge Amado, como já vimos, vem menos da sua capacidade de analisar, - fraca e

sumária – que do sopro criador e animador da poesia. E a perspectiva histórica, o ritmo cíclico dos acontecimentos, tomando o personagem entre vários planos, lhe asseguram a verdade e o relevo que a análise não pôde dar. Tornando-se histórico, o romance de Jorge Amado deixou de ser romance proletário para adquirir um significado mais extenso. A história tem essa faculdade de, remontando a corrente do tempo, alargar o nosso panorama, ampliando a nossa compreensão. Diante dela as reivindicações de classe, a espoliação não se colocam com sentido atual, porque ela é a própria trama, já tecida, de umas e de sentido atual, porque ela é a própria trama, já tecida, de umas e de outras. É o seu lugar histórico, os antagonismos se cristalizando em estruturas e em sistemas de relações observáveis a distância. Através do documento, o autor percebera a espoliação de uma classe; através da poesia, sentira o seu valor e o seu significado; através da história, reúne espoliados e espoliadores numa relação perspectiva, alargou a todos os homens a sua simpatia artística. O que resulta, porventura, num enfraquecimento doutrinário, se considerarmos o caráter de luta da obra e da sua compreensão humana. (CANDIDO, 1992, p.51)

A relevância e importância de *Terras* se deu, também, pela experiência de Jorge e com seu atento olhar para a questão social e o contexto na qual se encontrava e produzia sua literatura.

E foi justamente com o olhar para a problemática do cacau que Jorge passou a produzir suas obras engajadas, defender a segunda geração modernista, do romance de 30 e contribuir com a literatura proletária.

A manifestação do romance proletário não é uma exclusividade da literatura brasileira. Em meados da década de vinte, os romances proletários ganham força em todo o mundo, como na antiga União Soviética, Estados Unidos, México e outras nações.

Apesar do nome, podemos observar que grande parte desses romances não foram escritos por proletários, mas sim elites que apresentam um olhar e considerações sobre a condição humana ou, até mesmo, sobre o universo proletário e dos sujeitos que estão à mercê de domínios de exploração e apropriação.

A realidade sombria e cruel é uma das principais características que esses romances denunciam em suas obras, uma vez que as obras literárias até então não privilegiam as classes mais marginalizadas ou, até mesmo, das condições sociais.

Seguindo uma ligação histórica e cultural, os romances das décadas de vinte e trinta agregam influências importantes para englobar na literatura, com a euforia de poder relatar,

mesmo que indiretamente, os momentos históricos da época, como a Revolução Russa, Primeira Grande Guerra Mundial, a Crise de 1929, e no Brasil, a influência modernista e o rompimento da política oligárquica.

Não só o rompimento, mas a própria república Oligárquica, bem como suas revoluções, conflitos e contradições contribuíram para a emancipação desta literatura.

A busca por si só carrega a impulsão desse movimento do romance proletário. O reflexo das questões do ambiente político, social, econômico e cultural da época ressaltam todas as características do gênero.

O romance de 30 possui suas particularidades e destaques imprescindíveis para fomentar e contribuir com o romance proletário no Brasil, alguns dos precursores desse movimento no país do carnaval, se é possível esse trocadilho, foram: Rachel de Queiroz, Patrícia Galvão, Armando Fontes e Jorge Amado, sendo este último, talvez, o autor que ganhou mais destaque com o gênero.

Vale relembrar algumas das características do romance de 30, uma vez que muitos destes fazem parte e refletem o romance proletário. Antônio Cândido descreve que os autores desse movimento estavam preocupados, justamente, em buscar a representação de um Brasil que possui sujeitos, sobretudo interioranos, que procuram a resistência à dominação.

Talvez se possa dizer que os romancistas da geração dos anos de 1930, de certo modo, inauguram o romance brasileiro, porque tentaram resolver a grande contradição que caracterizava a nossa cultura, a saber, a oposição entre as estruturas civilizadas do litoral e as camadas humanas que povoam o interior - entendendo-se por litoral e interior menos as regiões geograficamente correspondentes do que os tipos de existência, os padrões de cultura comumente subentendidos em tais designações. [...] a existência do homem rural, explorando-o como motivo de arte – motivo, por que não dizê-lo, de sabor quase exótico para o leitor das capitais. (CÂNDIDO, 1992, p. 41)

Com essa premissa, as obras possuíam o foco na sociedade rural e seus conflitos, mesmo alguns dos romances apresentassem o cenário urbano, como *Suor* de Jorge Amado, as relações sociais presentes no romance provinham, também, na questão migratória na qual alguns personagens passaram pela busca de melhores condições de vida na cidade.

[...] o equilíbrio do mundo burguês do escritor com o mundo do homem rural, objeto da sua literatura, ia se colocando em novos termos, as contradições sociais se evidenciando e se agudizando nas perspectivas de conflito e nas necessidades de reajustamento. (CÂNDIDO, 1992, p. 41)

Nesse âmbito de promover uma literatura com foco no ser interiorano e que, ainda, relate as vivências, condições e a luta pela vida num país desigual e conflituoso, Jorge Amado e os demais escritores utilizaram suas literaturas como meio de promover o debate da condição da vida e, em consequência, das classes proletárias.

Em 1930, Michael Gold, estudando a ascensão do gênero na literatura, elencou algumas das principais características que formatam um romance proletário. Cabe aqui ressaltar o que mais tange à literatura brasileira, com os ideais do realismo proletário.

Because the Workers are skilled machinists, sailors, farmers and weavers, the proletarian writer must describe their work with technical precision. The Workers will scorn any vague fumbling poetry, much as they would scorn a sloppy workman. [...] Proletarian realism deals with the real conflicts of men and women who work for a living. It has nothing to do with the sickly mental states of the idle Bohemians, their subtleties, their sentimentalities, their fine-spun affairs.¹ (GOLD, 1930, p. 5)

E na lógica do romance proletário, leitores e críticos vão se deparar com associações teóricas e experimentais como recursos psicanalíticos na construção de personagens, bem como uma presença do neorrealismo que rodeava o mundo.

Jorge Amado, como apresentado, é um dos grandes precursores da literatura proletária no Brasil. Esse movimento, apesar de ir se dissolvendo com o passar de sua idade e maturidade na literatura, foi capaz de se manter viva e, vez ou outra, ressaltada em seus livros até a velhice.

¹ Tradução livre do autor: “Como os Trabalhadores são hábeis maquinistas, marinheiros, fazendeiros e tecelões, o escritor proletário deve descrever seu trabalho com precisão técnica. Os Trabalhadores desprezarão qualquer poesia vaga e desastrada, da mesma forma que desprezariam um trabalhador desleixado. O realismo proletário relaciona-se com os conflitos reais de homens e mulheres que trabalham para viver. Não tem nada a ver com os estados mentais doentios dos boêmios preguiçosos, suas sutilezas, seus sentimentalismos, seus assuntos delicados”

Cacau, seu segundo livro, escrito com apenas vinte e um anos já nos apresenta a potência e a marca de que sua literatura, dali em diante, carregaria o proletário, bem como as denúncias da sociedade proletária, e dos sujeitos que buscam maneiras, condições de subsistirem e resistência ao sistema opressor.

“Tentei contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia. Será um romance proletário?” (AMADO, 1986, p. 8)

Assim sendo, com a pergunta retórica que Jorge Amado nos presenteia, encontramos o gatilho e as portas da literatura proletária no Brasil ainda mais escancarada para permitir a entrada de outros escritores e, sobretudo, mais obras do próprio escritor baiano.

Tânia Pellegrini, professora emérita da Universidade Federal de São Carlos, defende a ideia da presença do realismo como fenômeno e movimento não apenas num certo período cronológico, este tão disseminado nas aulas de literatura na educação básica, mas enxerga que o realismo assume diversas formas em diversos momentos da história para poder construir um olhar apurado para a realidade através das obras literárias.

Em *Realismo e Realidade na Literatura um modo de ver o Brasil*, Tânia tece importantes contribuições para o realismo e ainda advoga que o romance de 30, na qual Jorge Amado pertence, apresenta novas apresentações do gênero.

Contudo, a partir dos anos 1930, devido a uma série de fatores, que se configuram de novo como necessidade histórica, o realismo assume mais uma vez uma posição proeminente, estabelecendo-se como baliza norteadora do que se pode considerar talvez como a retomada do romance brasileiro, sob uma ótica renovada e verdadeiramente crítica, questionadora da ideologia do progresso, agora em dicções afastadas dos acentos naturalistas mais “decotados”, embora duros o bastante para ainda incomodar. (PELLEGRINI, 2018, p. 139)

É relevante notar que a geração de escritores de 30 provinha das inquietações levantadas pelos escritores que promoveram a Semana de Arte Moderna em 1922, que instauraram o a primeira fase do modernismo e revolucionaram a arte e a forma de se enxergá-la. Apesar disso, os dois grupos, de 22 e 30, eram distintos e, de certa forma, mantinham relações conflituosas, já que a turma de 30 preservava importantes críticas aos

seus antecessores, julgando-os de promoverem um evento burguês e de elite que, tampouco, rompia a hegemonia europeia e valorizava as problemáticas do Brasil fora do eixo Rio-São Paulo. Apesar disso, o modernismo promoveu uma certa ruptura dos moldes de se pensar e produzir literatura. Em especial os precursores do movimento trabalharam a linguagem como objeto emancipatório.

Mas ainda sobre a turma de 30, Tânia Pellegrini ressalta os atentos olhares dos escritores para a realidade presente e suas problemáticas.

Nesse sentido, sua função será outra, assim como serão outros sua postura e seu método [...]. Abrandou-se a visão cientificista, que caracterizava, para a crítica geral, a diferença entre naturalismo e realismo, assim como se abrandou a ênfase na exposição do que fugia do decoro burguês. Em outras palavras, não se tem mais a separação entre eles, mas sim um realismo *tout court* – chamado neorrealismo – tomando como a forma de representação que faz consolidar definitivamente na prosa de ficção dignidade trágica dos setores subalternos, da massa informe de párias e trabalhadores anônimos, representados na sua luta pela existência. (PELLEGRINI, 2018, p. 139)

Não é à toa que o neorrealismo surge também em outras nações no mesmo período, como em Portugal, assumindo um papel de repensar a nação à luz dos problemas sociais, políticos e econômicos que enfrentava na época.

No contexto brasileiro das décadas de 20 e 30, são importantes os acontecimentos que repercutiram em cenário nacional, como a revolução de 30, a crise de 29 nos EUA, que reflete a crise do café no mesmo ano no Brasil, a Revolução de outubro (1917) e o desenrolar do comunismo. Neste cenário, o Brasil ainda era praticamente rural. Com os primeiros anos de Vargas no poder, foi se desenvolvendo a industrialização e as cidades ganharam mais destaques. Mas o interior do país guardava consigo as mazelas que pouco mudaram desde a abolição da escravatura, que passou para os regimes de semi servidão e a própria luta pela terra, temas esses que serão desenvolvidos nos capítulos posteriores.

Mas o importante de se levar em consideração deste contexto é que o romance de 30 se encontra nesta visão de Brasil: agrário, conflituoso, tenso, suscetível à influências ideológicas e com a presença da burguesia industrial em ascensão.

O romance de 1930, portanto, em sua relação com a vida social brasileira, vai encontrar, na sua gênese, um quadro mais complexo do que o da década anterior, no qual tacitamente se rejeitaram as heranças estéticas geradas no sistema agrário do Império ou do início da República [...]. As oligarquias rurais ainda têm bastante poder, sobretudo com a proteção governamental para o café, mas a burguesia industrial, comercial e financeira cresce nas cidades, junto com a classe média e o proletariado. São novas contradições acelerando as mudanças, que irão estourar depois da crise do café de 1929, na Revolução de 1930, levando Getúlio Vargas ao poder. (PELLEGRINI, 2018, p. 170).

Nessa premissa, a literatura de 30 encontra na sofrida situação humana, especialmente dos sujeitos interioranos, um meio de tecer críticas e oferecer reflexões políticas e sociais.

[...] o romance de 30 é resultado de um momento em que se procuravam caminhos políticos e sociais mais dignos para o país. Os escritores imergiram na complexidade da vida social brasileira, em todas as suas dimensões, interessando-se por todos os lugares, todas as raças, e todos os gênero, nas cidades e no sertão, enfatizando as tensões sociais como o motor dos comportamentos e tendo o atraso do país como ponto central de referência. Procurava-se, com diversos modos de narrar, não unicamente o rosto da miséria absoluta, como parece sugerir o estereótipo crítico de romance da seca, mas também a face da pobreza proletária e da vida da pequena classe média atordoada pelas agruras do cotidiano, tão comuns nos grandes centros. E o viés mais adequado para estabelecer uma representação verossímil foi novamente o realismo, na infinita possibilidade de suas refrações, presidindo a poderosa ascensão das vozes vindas de baixo à cena literária, ascensão essa que ainda não terminou. O realismo desse período é tão conturbado interpela diretamente o tempo histórico, engajando-se na tarefa de compreender e participar, voltando-se para a construção do futuro. (PELLEGRINI, 2018, p. 181-182)

É sobre relatar o sofrimento não apenas dos pobres, mas também as dificuldades e incontestável amarga luta que a classe média busca em se manter onde estão. Eles também são vítimas de um capital que molda as pessoas e as transformam em sangue sugas de dinheiro e de postos sociais. Apesar dessas classes aparecerem em diversas obras amadianas, são os trabalhadores e os esquecidos os verdadeiros símbolos de heroísmo e vitória.

Para Jorge, ademais, os trabalhadores serão os verdadeiros herdeiros da saga heroica dos fazendeiros que conquistaram a mata para a lavoura (o que os sociólogos marxistas chamam de acumulação primitiva). Um mesmo mundo de valores uniria trabalhadores, lavradores e fazendeiros: coragem, rusticidade, sagacidade, honra, valentia, violência. (GUIMARÃES, 2010, p. 337)

As fortes críticas vividas pela construção dos personagens de Jorge Amado em seus livros muito são frutos da ideologia socialista na qual o escritor foi simpatizante em grande parte de sua vida. Apesar da crítica julgar Jorge Amado pela sua ideologia, esta mesma presença política fez com que seus livros fossem traduzidos para vários países e, também, estereotipado e, até censurados, no Brasil. Apesar da fase socialista, o romancista manteve o olhar reflexivo para suas obras até o final de sua vida, mesmo que o eixo central das obras se relacionassem a luta operária, muitos temas são possíveis de serem analisados sob o viés marxista.

Segundo a crítica, *Gabriela, cravo e canela* rompe com a literatura engajada de Jorge e instaura uma nova fase na vida literária do escritor. Mas, ainda ressalvo, todas suas obras posteriores, inclusive *Gabriela*, são passíveis de se encontrar as críticas sociais, políticas e culturais levantadas pelo brilhante autor.

A fortuna crítica de Jorge Amado, além de apontar sua maior ou menor aproximação das teses do realismo socialista, ao longo de sua vida literária, a isso atribui inclusive a diminuição do seu engajamento da denominada segunda fase, iniciada com a publicação de *Gabriela, cravo e canela*, em 1958, quando rompeu com o Partido Comunista. (PELLEGRINI, 2018, p. 179).

Em guisa de conclusão, levamos que Jorge Amado é um dos maiores representantes da literatura brasileira de todos os tempos. Ele foi político, reformulou a literatura, promoveu o engajamento, teceu fortes críticas sociais, econômicas e políticas, deu voz às classes menos favorecidas e defendeu com unhas, dentes e palavras o seu amado Brasil.

Seguindo as próprias palavras do autor em um dos seus últimos livros publicados, *Navegação de Cabotagem* de 1992, em que o leitor encontra diversas memórias ricas de Jorge, que ele, acima de tudo, viveu intensamente.

Nasci empelcado, de bunda para a lua, uma estrela no peito, a sorte me acompanha, tenho o corpo fechado à inveja, a intriga não me amarra os pés, sou imune ao mau olhado. A vida me deu mais do que pedi, mereci e desejei. Vivi ardentemente cada dia, cada hora, cada instante, fiz coisas que Deus duvida, conivente com o Diabo, compadre de Exu nas encruzilhadas dos ebós. Briguei pela boa causa, a do homem e a da grandeza, a do pão e a da liberdade, bati-me contra os preconceitos, ousei as práticas condenadas, percorri os caminhos proibidos, fui o oposto, o vice-versa, o não, me consumi, chorei e ri, sofri, amei, me diverti. (AMADO, 1992, p. 637)

Renomado e relevante no cenário nacional e internacional, Jorge Amado fez com que sua literatura reverberasse no pensamento dos leitores de forma crítica. Neste sentido, emancipou uma geração de escritores que contribuíram com uma fortuna literária que mostrasse as mazelas do Brasil como nunca havia acontecido de forma tão incisiva.

CAPÍTULO 2 - TERRAS DO SEM-FIM

“Não sabe o que é? É cavalo. Se não fosse cavalo, branco montava em negro...” – Suor, Jorge Amado.

Seguindo como prometido, este capítulo tem como objetivo reler a obra *Terras do sem-fim* e promover uma reflexão sobre a temática, as geografias presentes, a trama, a compreensão da obra sob seu contexto e a caracterização dos sujeitos e personagens.

A análise geográfica e literária encontrará, sobretudo, dois grandes pesos na balança da interpretação. Essa dicotomia anuncia a excelência dos autores que transitam entre o real, o imaginário, a palavra e a ideia, além da

[...] mediação da imaginação e da fantasia. Discurso perigoso e amedrontador, que tem em uma de suas extremidades o louco e na outra o poeta. Na verdade, que tênues são os limites que os separam porque, cada um, ao seu modo, se recusa a falar sobre o real preferindo anunciar o ausente. [...] o discurso do imaginário explora o real do ponto de vista de suas ausências, das possibilidades que fracassaram, não por serem menos belas mas por serem mais fracas, mas que continuam presentes sob a forma de promessas, esperanças, fantasias, utopias... loucura. (ALVES, 1995, p. 17-18)

Cabe aqui, então, buscar pelo que a obra oferece, as possibilidades de reflexão. Como foi apresentado no capítulo anterior, Jorge Amado atinge uma maturidade de sua escrita lançando *Terras do sem-fim* em 1943. Segundo a crítica da época, temos um *“belo livro que representa na produção do seu autor um momento de excepcional importância pois é o primeiro indício de uma maturidade que se anuncia cheia de força.”* (CANDIDO, 1992, p. 44)

Com lirismo e tom de denúncia social, a obra narra a disputa entre duas grandes famílias na conquista das terras da mata virgem do Sequeiro Grande, na região de Ilhéus. No cabo de força entre o temido coronel Horácio e a família de Juca Badaró, quem sai perdendo é na verdade os sujeitos que se submeteram a guerra promovida pelo interesse do capital.

A fim de derrubar a mata nativa, as duas famílias pretendem expandir suas plantações de cacau que, a certa altura, primeiras décadas do século XX, se apresentava como uma das mais importantes riquezas nacionais, se não a.

Como aparato crítico, utilizo neste capítulo as contribuições de Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* onde o crítico promove um estudo que dialoga como a literatura pode ser entendida com o olhar da sociologia e, assim, dialogada.

Como *Terras do sem-fim* é um romance com a forte presença da história e da sociologia, estabelecer essa conexão com os postulados de Candido auxiliam na compreensão da obra como um todo. Além, é claro, de viabilizar a ponte entre os debates geográficos encontrados na trama literária.

Candido diz que o fator sociológico presente nas obras é considerado como interno, já que este possui um papel para a trama do romance (CANDIDO, 2019). No caso da obra na qual este estudo se dedica, a questão agrária, bem como a apropriação de terras e disputas políticas, que são as camadas mais visíveis numa primeira leitura, orientam toda a concentração dos leitores na concepção da obra.

Uma das críticas possíveis de se encontrar se baseiam na gana das famílias oligárquicas na conquista das terras em prol de seus interesses econômicos. Como exposto anteriormente, Jorge Amado consegue exercer um equilíbrio em *Terras*, quando exerce a dialética entre: o Documento, Poesia e História (CANDIDO, 1992), tendo como resultado um romance que trabalha a emoção e a razão.

[...] as relações humanas se deterioram por causa dos motivos econômicos. [...] E as próprias imagens do estilo manifestam a mineralização da personalidade, tocada pela desumanização capitalista, até que a dialética romântica do amor recupere a sua normalidade convencional. (CANDIDO, 2019, p. 16)

Seguindo a lógica de Antonio Candido, as obras desempenham uma função para a sociedade. Quando nos referimos à literatura de Jorge Amado, espera-se encontrar romances engajados e com possibilidades de construir, junto com a leitura, um pensamento crítico e social. Em *Terras do sem-fim* essa expectativa é cumprida, já que a obra produz diversos questionamentos que reverberam para a crítica literária e para os leitores comuns. Sendo

então, o fator social que explica a estrutura e ideias, “[...] o fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar sua validade e o seu efeito sobre nós.” E assim “[...] os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra.” (CANDIDO, 2019, p. 24)

A função do artista na concepção de sua obra é agregar suas experiências, vivências e os valores vigentes de sua época para então criar sua arte. Claramente Jorge Amado se encaixa no que Candido postula sobre arte coletiva. *“O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nestes casos, pede-se quase sempre a identidade do criador-protótipo.”* (CANDIDO, 2019, p. 35)

Ao abrir a obra, utilizando a frase *“Eu vou contar uma história, uma história de espantar”* do romancista popular (AMADO, 2016, p. 9), Jorge incita a já adianta aos leitores sobre a tensão que permeará todo o romance. Partindo dessa epígrafe, já nos deparamos com a primeira parte do livro *“Terra adubada com sangue”* prevalecendo, então, a ideia de violência que a região de Ilhéus, que compreende também Itabuna, se desenvolve.

Um dos primeiros pontos levantados pelo autor é a chegada de alguns personagens que se dá pelo mar. Mar esse significativo para Jorge Amado, uma vez que representa a vida, migração, religiosidades e o sonho de diversos sujeitos que por ele navegam que, através da migração, buscam melhores condições de vida. *“Terras do sem fim começa por um episódio marítimo. O mar é o preâmbulo do drama do cacau.”* (CANDIDO, 1992, p. 47)

Não à toa, a região de Ilhéus, no sul da Bahia, apresenta a forte potencialidade das plantações de cacau que, naquela altura de meados das primeiras décadas do século XX, exerciam grande influência no mercado econômico nacional. Aliás, o livro seguinte de *Terras do sem-fim*, *São Jorge dos Ilhéus* narra a sequência da violenta história de Terras, e as consequências disso, como o desenvolvimento da cidade e as intensas negociações do cacau.

Mas sobre o violento romance em questão, somos apresentados a alguns personagens, de diferentes classes e credos que compõem a obra.

No primeiro capítulo, sendo este dedicado à mostrar a intensa migração, sobretudo entre nordestinos que buscam o sul da Bahia para as ricas terras do cacau, são sujeitos

destemidos, corajosos, em busca de esperança. A composição da população vai de jagunços à prostitutas. Mas todos têm só uma visão, poder enriquecer nas terras do cacau. Com isso,

Outras terras ficaram distantes, visões de outros mares e de outras praias ou de um agreste sertão batido pela seca, outros homens ficaram, muitos dos que vão no pequeno navio deixaram um amor. Alguns vieram por esse mesmo amor buscar com que conquistar a bem-amada, buscar o ouro que compra a felicidade. Esse ouro que nasce nas terras de Ilhéus, da árvore do cacau. Uma canção diz que jamais voltarão, que nessas terras a morte os espera atrás de cada árvore. E a lua é vermelha como sangue, o navio balança sobre as águas intranquilas. (AMADO, 2016, p. 22)

Personagens como o esperto João Magalhães; o trabalhador Antônio Vítor que deixa sua mulher grávida em busca de trabalho para sustentar sua família; Juca Badaró, um dos personagens principais que no navio mesmo contrata trabalhadores e assassinos; a prostituta Margot, que ajudou Virgílio em seus estudos; Sertanejo que deseja vingar a morte do filho, matando o Coronel Horácio.

Esses personagens incorporam a trama na medida em que suas funções em servir cada lado, seja de Horário ou de Juca. Com a apresentação dessa trama tensa entre as duas famílias, na qual a própria população da região de Ilhéus se divide, tendo jagunços, médicos e advogados para cada um dos coronéis, percebe-se que é criada territorialidades.

Nos capítulos posteriores, a figura do místico Jeremias representa a resistência, mesmo que individual, de sua espiritualidade e em prol de sua mãe natureza, a tão sonhada mata do Sequeiro Grande, desejada pelos dois coronéis. Existe também a presença de dois vilarejos na qual cada um dos coronéis exerce maior influência e, até, dominação: Ferradas (dominada pela oligarquia de Horácio) e Tabocas (dominada pela oligarquia dos Badarós).

Anael Ribeiro Soares e Emerson Ribeiro no artigo “Análise do conceito de território na obra Terras do sem fim, de Jorge Amado” elabora um croqui demonstrando a dinâmica dessas territorialidades criadas. Na figura 1, notamos três principais territorialidades, a da Mata Sequeiro Grande, sendo esse território em constante disputa; a do Coronel Horário; e a da família dos Badarós.

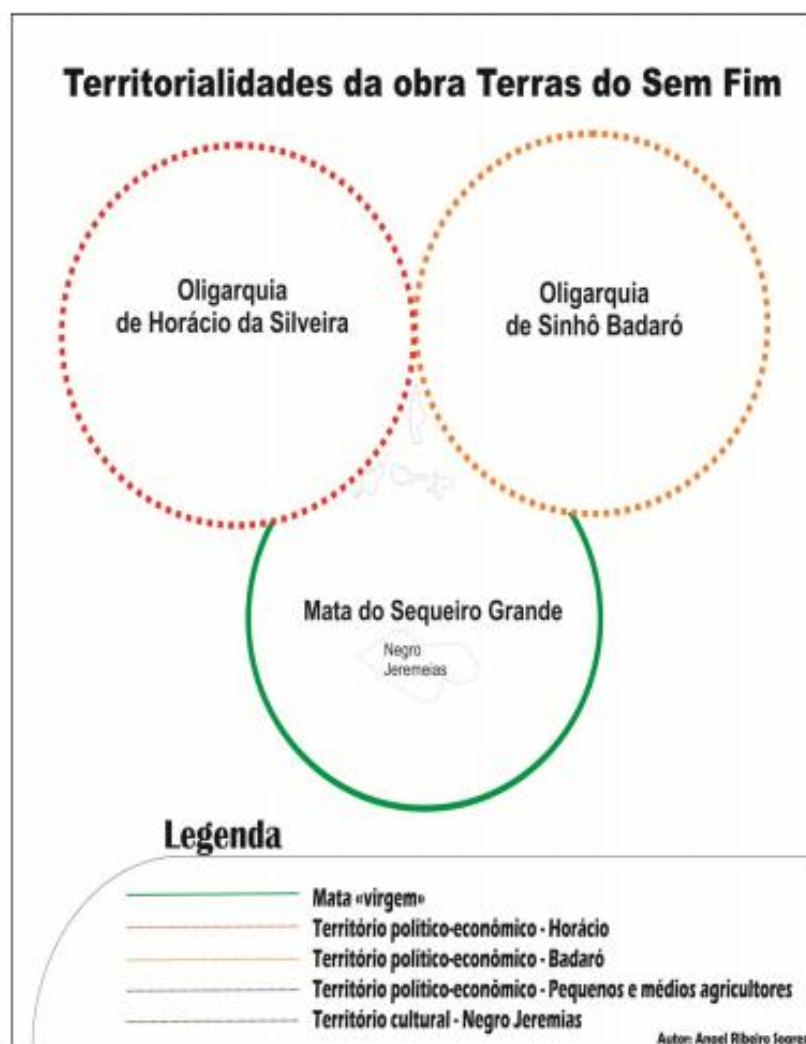


Figura 1. Representação das territorialidades presentes na obra “Terras do sem-fim”.
 Autor: Anael Ribeiro Soares, 2014.

Quase no final do capítulo, há uma interessante conversa entre Antônio Vítor com o comandante na qual o comandante diz que a situação daquela gente é triste, e faz a comparação dos comandantes dos navio negreiros que carregavam negros aos portos para trabalharem sob o regime da escravidão.

— Por muitas vezes me sinto como o comandante de um daqueles negreiros do tempo da servidão...

Como o imediato não respondesse, ele explicou:

— Daqueles que em vez de mercadorias traziam negros para serem escravos...

Apontou os homens dormindo na terceira, Antônio Vítor que ainda sorria:

— Que diferença há? (AMADO, 2016, p. 36)

No próximo capítulo, intitulado “A mata”, os leitores compreendem melhor as forças políticas e os sujeitos que dominam a região. Além de Juca Badaró e Horácio, temos também a fazenda de Teodoro das Baraúnas, que de certa forma é aliado de Badaró, e Maneca Dantas, que por sua vez é aliado de Horácio. Além disso, o coronel Horácio tinha do seu lado a polícia local. Nesse regime nada igualitário, acompanhamos como esses personagens agrupam pelo caxixe e as tocais mais e mais terras, construindo seus impérios rumo à Mata.

Podemos dizer que a mata é a personagem principal deste romance, como assinala Candido

Em Terras do sem fim ela irrompe com fúria, numa noite de tempestade. E a floresta do Sequeiro Grande é, por assim dizer, o personagem real do livro. É ela que joga os homens uns contra os outros; é ela que, adubada do seu sangue, se abre na florada do cacau. (CANDIDO, 1992, p. 47)

Sob a lógica de dominação territorial as famílias abusarão de sua influência e riqueza para conquistar a rica terra, pois o dinheiro cega: “— *Pode ter a ruindade que tiver, se tem dinheiro o homem não enxerga nada. Homem é bicho que só vê dinheiro, fica cego e surdo quando vê falar em dinheiro... Por isso é que há tantas desgraças nessas terras...*” (AMADO, 2016, p. 86). Toda a noção de humanidade é perdida no decorrer deste romance, onde cenas de tortura e mortes acontecem naturalmente. Como o próprio Coronel Horácio jura para seu aliado o advogado Virgílio: “— *Essa mata vai ser minha nem que tenha de lavar a terra toda com sangue... Seu doutor, se prepare, o barulho vai começar...*” (AMADO, 2016, p. 97)

Virgílio é um dos principais personagens da trama. Graduado em direito com a ajuda e esforços da prostituta Margot, inteligente e esperto, Virgílio é um forte aliado de Horácio, pois é pago para ajudar na regularização das posses de terras e fazer alguns documentos falsos para a conquista de novas terras – o famoso caxixe.

Além disso, como este romance não é apenas “documento”, o lado “poesia” é vivenciado por relações amorosas e perigosas (CANDIDO, 1992). Virgílio, apesar de ser braço direito de Horácio, não é capaz de manter fidelidade ao amigo, mantendo uma paixão correspondida pela esposa do coronel, a elegante e culta Ester, que finalmente encontra nos braços dele postura e cavalheirismo, já que Horácio só pensa em dinheiro, política e violência. Margot, que sempre ajudou Virgílio em seus estudos e nas experiências sexuais, se “vinga” da traição mantendo relações com Juca Badaró.

Ester e Virgílio marcam o contraste da obra em que 90% é violento, mas 10% é leve e descontraído com as conversas sobre literatura, música e amor vivenciados pelos amantes. Nos momentos em que Ester está com Horácio, a mesma assume uma postura com muito desejo, mas pensando no advogado da família.

Em grande parte do livro, se não nele todo, temos a dominação política movida mais pela família dos Badarós, com Sinhô, sendo este mais suscetível ao diálogo e negociações, e Juca completamente agressivo e até prepotente, não mede esforços para matar gente.

Depois dessas duas figuras imponentes, a filha de Sinhô Badaró, Don’Ana, mais para a metade da obra, assume o principal papel da família nas negociações e na própria guerra travada pela terra.

O caso de Firmo, um fazendeiro que possui sua propriedade num local estratégico para a família dos Badarós chegarem ao Sequeiro Grande, trava discussões dentro da própria família, já que Juca quer fazer tocaia para Firmo, e Sinhô prefere negociar.

Desse dilema dos poderosos, cabe a um dos jagunços fiéis dos Badarós resolver o problema. O temido Damião, personagem muito humano e com consciência das atrocidades, apesar de ser o mais temido de todos, tendo momentos, inclusive, que as pessoas se escondem enquanto ele passa por elas; prostitutas que por medo, não dormiam com ele, é encomendado o assassinato do impasse político com a morte de Firmo.

Damião cai no seu próprio dilema interior. Excluído da sociedade, já que todos tinham medo dele, sendo as crianças, seres estes inocentes que não sabiam das atrocidades do exímio atirador, as únicas a conversarem com ele, reflete muito se matar Firmo e sua mulher grávida, Teresa, será um certo. Então ele passa pensar numa alternativa de errar o tiro, coisa essa praticamente impossível visto sua capacidade sem igual. “[...] *Escapar de tiro do negro Damião é milagre dos grandes...*” (AMADO, 2016, p. 93)

O coração puro e as relações de amizade entre as crianças fizeram com que Damião repensasse se mataria ou não naquela vez.

Se antes alguém lhe dissesse que era terrível esperar homens na tocaia para mata-los, ele não acreditaria, pois seu coração era inocente e livre de toda a maldade. As crianças da fazenda adoravam o negro Damião que servia de cavalo para as mais pequenas, que iam buscar jaca mole nas grandes jaqueiras, cachos de banana-ouro nos bananais onde viviam as cobras, que selva cavalos mansos para os maiorezinhos passearem, que levava todos para o banho no rio e lhes ensinava a nadar. As crianças o adoravam, para elas ninguém era melhor que o negro Damião. (AMADO, 2016, p. 60)

Mas “*Sua profissão era matar [...] O coronel manda, ele mata.*” (AMADO, 2016, p. 60)

Durante um longo capítulo Damião fica confuso se deve ou não matar Firmo e sua esposa. Devida a confusão, acredita que estava sob efeito de bruxaria, magia feita pela mata. De um lado queria manter sua honra e a fidelidade para com Sinhô Badaró, por outro sentia que não podia matar uma mulher grávida e matar a inocência daquele que nem saiu ao mundo.

Prenderam seus braços, não pode matar. Prenderam seu coração, ele tem que matar... Pelo rosto negro de Damião choram os olhos azuis de dona Teresa... A mata se sacode em riso, se sacode em pranto, a bruxaria da noite rodeia o negro Damião. Ele sentou no chão e chora mansamente como uma criança castigada. (AMADO, 2016, p. 72)

Decidindo contrariar a ordem de Sinhô Badaró, Damião fica extremamente abalado e busca orientação de Jeremias, o feiticeiro. Além de amigos, Jeremias é uma espécie de orientador de Damião, oferecendo conforto e conselhos para o assassino. Depois de relatar o ocorrido para o feiticeiro, dizendo que se sentiu amaldiçoado e incapaz, Jeremias dialoga espiritualmente com seus deuses Ogum, Oxóssi, Iansã, Oxaluã, Omolu e Exu, prevendo uma espécie de premonição sobre toda a tensão que girava em torno daquelas terras:

— O olho da piedade secou e eles tá olhando pra mata com o olho da ruindade. Agora eles vai entrar na mata mas antes vai morrer homem e mulher, os menino e até os bicho de pena. Vai morrer até não ter mais buraco onde enterrar, até os urubu não dar mais abasto de tanta carniça, até a terra tá vermelha de sangue que vire rio nas estrada e nele se afogue os parente, os vizinho e as amizade deles, sem faltar nenhum. Vão entrar na mata mas é pisando carne de gente, pisando defunto. Cada pé de pau que eles derrube vai ser um homem derrubado, e os urubu vão ser tanto que vai esconder o sol. Carne vai ser estrume de pé de cacau, cada muda vai ser regada com sangue deles, deles tudo, tudo, sem faltar nenhum. (AMADO, 2016, p. 108)

Tanto Horácio, quanto Juca Badaró utilização diversas artimanhas políticas para manter sua hegemonia, seu poder afim de conquistar a tão rica terra. Com seus próprios estudados advogados, promoverão caxixes para expulsar pequenos camponeses de suas terras. Além disso, muitas tocaias, para aqueles que não caírem nos falsos documentos das posses da terra (sendo elas todas devolutas), enfrentaram violentas tocaias, onde perderão não apenas sua propriedade da terra, mas também suas vidas.

O erro proposital do tiro de Damião em Firmo repercute na comunidade que fica em alerta sobre as ações dos Badarós. Firmo, inclusive, é quem conta sobre o atentado que sofrera ao coronel Horácio que, prontamente já pensa nas possibilidades de acentuar a luta pela terra.

Na fazenda dos Badarós, a leitura da Bíblia por Don'Ana para Sinhô faz com que a interpretação dele também preveja a guerra. Nesse ponto vemos claramente os Brancos com a religião católica justificando uma interpretação equivocada defendendo a derrubada das terras e a guerra; Jeremias, com sua matriz africana e a presença da cultura indígena também prevê o mesmo movimento.

O esforço de Jeremias na profecia que ele dissera para Damião fora tanto que, depois de sua fala, o famoso feiticeiro falece. Em sua morte ele marca a resistência de um homem que antes mesmo da guerra tomar maiores proporções, a odeia e se mantém contrário à situação. Enquanto ele estava vivo, a mata tinha a força, mas sem ele na terra, a resistência se esvai.

No capítulo seguinte, “Gestação de Cidades”, Jorge descreve com muita poesia a triste vida de três irmãs tornam-se prostitutas como meio de sobrevivência. Maria, Lúcia e Violeta se encontram para realizar o velório de seu pai, acometido de febre tifoide. Nesse

encontro, elas começam a discutir sobre a situação da região e a tensão que está na cabeça de todos.

Antes de conquistar Sequeiro propriamente, os Badarós tentam dominar Ferradas, inclusive numa das tentativas de colocar um delegado no vilarejo (Vicente Garangau), mas sem sucesso pois logo foi morto brutalmente pela companhia de Horácio.

No estabelecimento Tesoura de Paris, uma alfaiataria, são reunidos os personagens que comentam as tensões da guerra eminente, como o Dr. Jessé, que é médico em Tabocas e vereador de Ilhéus. Apesar de ser de Tabocas, Jessé, por ser medroso, não consegue ser leal dos Badarós, então acaba espalhando diversas fofocas para se manter longe do perigo. Aliás, ele era mais leal a Horácio nesse sentido, devido as ameaças.

Em tabocas quem era amigo e eleitor de Horácio mantinha sempre uma atitude de hostilidade em relação aos amigos e eleitorados dos Badarós. Nas eleições havia barulhos, tiros e mortes. Horácio Ganhava sempre e sempre perdia porque as urnas eram fraudadas em Ilhéus. Votavam vivos e mortos, muitos votavam sob a ameaça dos cabras. Nesses dias Tabocas se enchia de jagunços que guardavam as casas dos chefes políticos locais: a do dr. Jessé, que era eternamente o candidato de Horácio, a de Leopoldo Azevedo, chefe dos governistas, a do dr. Pedro Mata, agora também a do dr. Virgílio, o novo advogado. Havia uma farmácia para cada partido e nenhum doente que votasse nos Badarós se tratava com dr. Jessé. Era com o dr. Pedro. Os dois médicos mantinham relações pessoais, mas diziam horrores um do outro. Dr. Pedro dizia que dr. Jessé não ligava para os enfermos, muito mais preocupado com a política e com sua roça de cacau. Dr. Jessé afirmava, e a população fazia coro, que dr. Pedro não respeitava as enfermas, que um homem casado ou um pai de família não lhe podia entregar sua mulher ou sua filha para um exame geral. Havia também um dentista para cada um dos partidos. Todo o povoado estava dividido nos dois partidos políticos e trocavam desaforos pesados nos jornais de Ilhéus. Horácio já encomendara as máquinas para fundar em Tabocas um semanário que dr. Virgílio dirigia. (AMADO, 2016, p. 125-126)

Com a figura do coronel, o povoado seguindo as rédeas de Horácio se desenvolve à luz dos interesses individuais da figura política. Em troca de apoio, a população se empregava e “recebia” favores, emprego, alimentos e subsistência.

Em meio aos caxixes, às lutas políticas, às intrigas, e às festas da Igreja ou da maçonaria, vivia Tabocas, que antes não tivera nome e agora pensava em se chamar de Itabuna. Muitas vezes o sangue de homens caídos nos barulhos se misturava à lama das ruas. [...] a fama de Tabocas corria mundo, se falava deste povoado até no sertão, e certo jornal da Bahia já o chamara de “centro de civilização e de progresso”. (AMADO, 2016, p. 127)

Essa fama contribuía ainda mais com o fluxo migratório para de trabalhadores e sonhadores para as terras do cacau.

A relação entre Margot e Virgílio torna-se mais complicada. Em dado momento de discussão, o doutor de Horácio agride a mulher, esfriando o carinho e paixão que já tivera tempos atrás. *“Virgílio virou as costas da mão, bateu com ela na boca da mulher. O sangue correu do beijo partido, Margot olhou assustada. Quis dizer um desaforo mas apenas rompeu em soluços. — Tu não gosta mais de mim... Tu nunca tinha me tocado...”* (AMADO, 2016, p. 132)

No final do capítulo, Virgílio faz uma série de caxixes em prol de Horácio e, em consequência, agrupar mais territórios para seu coronel. Esta iniciativa é descoberta pela turma dos Badarós e, tão logo, não é bem vista. Juca e Antônio Vítor provocam na frente do armazém do Horácio, onde Virgílio contava suas novas conquistas para seus camaradas, com tiros pro alto.

Teodoro das Baraúnas, companheiro dos Badarós descobrem do feito pelas palavras de Jessé e promove junto com ‘seus cabras’, um atear fogo no cartório, apagando os registro de terras e fazendo com que as mesmas não tivessem donos novamente.

Sendo as terras de ninguém, Juca Badaró pede ajuda de João Magalhães, que também tinha gana por dinheiro e, depois de algumas negociações, aceitou o serviço de medir as matas e regularizá-las em seu nome. Um dos fatos que o fizeram aceitar a proposta de Juca era porque os Badarós tinham mais influência e poder político do que a turma de Horácio. Tão logo, a vitória na guerra seria garantida.

“— A verdade é que eu sou de fora e não queria me meter em encrencas daqui... se bem, a verdade é que simpatizo muito com a causa do senhor e do seu irmão. Principalmente depois do incêndio do cartório. Esses atos de coragem me conquistam... [...]” (AMADO,

2016, p. 159) Como tinha um propósito naquelas terras, João Magalhães aceitou pois: “*Fazia planos. Desta terra do cacau sairia rico.*” (AMADO, 2016, p. 165)

Um ponto importante que aguça as intrigas políticas é o uso dos meios de comunicação, mais especificamente os jornais. Aliás, esses jornais são completamente sensacionalistas e produzem matérias para defender e enaltecer seus donos. A Folha de Ilhéus é de domínio de Horácio, e O Comércio pertence aos Badarós.

A cidade aos poucos vai ganhando destaque, pois o comércio está em ascensão e a presença dos exportadores no porto de Ilhéus fazem com que a especulação em torno da produção do cacau aumentasse gradativamente a cada dia.

Já no final do capítulo, há a festa de São Jorge dos Ilhéus e toda a atenção é voltada a Sinhô e Horácio que juntos conversam pacificamente como amigos, as o diretor do jornal dos Badarós disse a Margot e companhia “— *Cada um deles tá rezando para que o santo o ajude a matar o outro... Tão rezando e ameaçando...*” (AMADO, 2016, p. 191)

Impossível não fazer comparação com a atual política brasileira que diante das câmeras mantêm a pose e a civilidade, mas na surdina persegue, ameaça e destrói vidas.

No penúltimo capítulo “A Luta” o leitor se depara já de início com um ataque surpresa dos jagunços de Horácio ao Sinhô Badaró, que se espantou do ataque ser já tão direto. Sinhô conseguiu escapar e já elaborou o contra-ataque.

Com um salto temporal, a luta deixou marcas sangrentas para aqueles que resistiram e foram testemunhas da história.

“*Foi a última grande luta da conquista da terra, a mais feroz de todas, também. Por isso ficou vivendo através dos anos, as suas histórias passando de boca em boca, relatadas pelos pais aos filhos, pelos mais velhos aos mais novos.*” (AMADO, 2016, p. 197-198)

Alguns cegos violeiros aparecem na história e cantam as histórias daquela guerra. Com um poder de síntese, o leitor pode realizar a leitura destes versos para compreender, além da guerra, toda a dinâmica social, política e econômica daquelas terras. Em uníssono eles cantam:

Minha sina é sem esperança...

É trabalhar noite e dia... [...]
Minha vida é de penado
Cheguei e fui amarrado
Nas grilhetas do cacau... [..]
Quando eu morrer
Me levem numa rede balançando... [...]
Quando eu morrer
Me enterrem na beira da estrada... [...]
Quando eu morrer
Me enterrem por baixo dum cacaureiro... [...]
Foi praga de feiticeiro
Em noite de feitiçaria... [...]
Nunca se viu tanto tiro,
Tanto defunto na estrada. [...]
Eu vou contar uma história
Uma história de espantar. [...]
Fazia pena, dava dó,
Tanta gente que morria.
Cabra de Horácio caía
E caía dos Badaró...
Rolava os corpo no chão,
Dava dor no coração
Ver tanta gente morrer,
Ver tanta gente matar. [...]
Se largou a foice e machado,
Se pegou repetição...
Loja de arma enricou,
A gente toda comprou,
Se vendeu como um milhão. [...]
Homem macho era Sinhô,
O chefe dos Badaró...
Uma vez, ele ia só,
Com cinco homem acabou,

Juca não era menos,
Coragem nele sobrava,
E Juca não respeitava
Nem os grandes, nem os pequenos. [...]
Braz, de nome Brasilino
José dos Santos, se chamava,
Com ele fiava fino,
Mesmo do chão atirava,
Tendo ferido, matava! [...]
Horácio as ordens dava,
Era Sua Senhoria,
Cabra saía pra estrada,
Pra fazer estrepolia... [...]
Mulher casada não havia
Sé se fosse na Bahia...
Por aqui já se dizia:
“Casada era só projeto
— Mesmo as que tinha neto —
De viúva no outro dia”. [...]
Eu já contei uma história,
Uma história de se espantar! (AMADO, 2016, p. 192-201)

Na voz desses cegos violeiros², e no decorrer dos versos, compreendemos a chegada dos trabalhadores que tem como sina apenas a ocupação e servir aos senhores e ao próprio cacau. A noção de que aquelas terras prenderiam os trabalhadores inviabilizando o retorno para suas terras natais fez com que os mesmos sujeitos enxergassem que só saíam do cacau mortos, como foi o caso de dezenas de camponeses mortos em tocaia.

A previsão de Jeremias, que foi julgada como maldição para aquele povo, e que transformou Damião, agora na condição de fugitivo dos Badarós, onde de fazenda em fazenda replicava a maldição de seu finado amigo feiticeiro, aconteceu. E muito sangue foi

² Não se sabe a razão de serem cegos, mas uma das análises possíveis é que os mesmos, por terem vivido a luta no Sequeiro Grande, podem ter se ferido na batalha e carregado a sequela como resquício da própria história.

derramado naquela terra. Toda a mata virgem de Sequeiro Grande foi derrubada para o plantio de cacau, sendo este rapidamente desenvolvido, graças ao adubo extra de gente.

Depois do atentado contra Sinhô Badaró, que saiu ileso, pois apesar de ser idoso, era um homem muito valente, este com seus cabras contra atacaram: mataram os irmãos Merenda, e invadiram as fazendas de Firmo e Braz, todos estes aliados de Horácio.

Vendo essa movimentação, Horácio reuniu mais jagunços famosos e muitas armas, o que aumentou significativamente o comércio bélico da região, pois não só jagunços é que compraram armas, mas a população civil também, movida pelo medo e pela tensão.

Virgílio, da turma de Horácio, vê sua ex amante Margot se relacionar com Juca, que o insulta num bar na qual Margot dançava com o advogado. Isso o deixa irritado e prestes a começar uma briga, mas que não acontece de fato, já que seu amor era voltado a uma única mulher: Ester.

Quando a fofoca de que Virgílio perdeu Margot para Juca Badaró é espalhada, Horácio impõe que Virgílio tome uma atitude e encomende a morte de Juca. Este momento é crucial pois Virgílio cai em si de que esta ideia de seu coronel é insana, já que ele mesmo não se sente traído ou com raiva de Margot. Essa tomada de consciência faz com que o meio, as terras do cacau, também agisse na transformação do homem.

Mandavam matar como mandavam podar uma roça ou tirar uma certidão de idade no cartório. Sim, para eles era fácil e Virgílio nunca se havia demorado em considerar o estranho desse fato. Só agora olhava com outros olhos para estes homens rudes das fazendas, esses advogados manhosos da cidade e dos povoados, que, calmamente, mandavam cabras esperar inimigos na estrada, por trás de uma árvore. Sua ambição, primeiro, o amor de Ester e o desejo de partir com ela, depois, fizeram com que ela nunca se lembrasse de refletir sobre o terrível daqueles dramas que eram o cotidiano daquela terra. Fora preciso que ele se visse obrigado a ter que mandar, ele também, matar um homem, para sentir a desgraça daquilo tudo, o terrível daqueles fatos, o quanto aquela terra pesava sobre os homens. [...] Tinha ódio era do cacau... Se revoltava porque sentia dominado, porque não tivera forças para dizer não e deixar que Horácio sozinho fosse responsável pela morte de Juca. Não sabia mesmo como aquela terra, aqueles costumes, tudo que nascia junto com o cacau, se havia apossado dele. Uma vez em tabocas esbofetara Margot, e foi quando se deu conta que havia outro Virgílio que ele não conhecia, não era o mesmo dos bancos acadêmicos, gentil e amável, ambicioso mas risonho, tendo pena das

desgraças alheias, sensível ao sofrimento. Hoje era um homem rude [...] (AMADO, 2016, p. 215)

Contra sua vontade, Virgílio organiza tocaia para Juca que, por sua vez, dá muito errado, pois Antônio Vitor, que salvara Juca, e a própria vítima descobrem que o atentado foi a mando de Virgílio e Horácio.

A guerra continua, mas Horácio adoece, e Ester o ajuda em sua recuperação, com muito amor e carinho. Mas a doença de Horácio também cai em Ester, matando-a em pouco tempo com febre tifoide.

Horácio e Virgílio ficam arrasados, sobretudo o advogado que não conseguiu fugir com a amada para longe daquelas sangrentas terras que ela tanto odiava.

Nesse meio tempo, João Magalhães e Don’Ana casam e, na lua de mel da fazenda, são surpreendidos com a notícia da morte de Juca por um dos cabras de Horácio. Isso já pontava uma virada no jogo para o coronel Horácio. *“A lua de mel, passada na fazenda, foi bruscamente interrompida pela notícia do assassinato de Juca, em Ilhéus.”* (AMADO, 2016, p. 236)

A situação piora para os Badarós quando Horácio atinge o governo:

E, quando já os homens na mata ouviam o ruído dos machados dos adversários no outro lado do rio, Ilhéus despertou uma manhã com a notícia sensacional que o telégrafo trouxera: o governo federal decretara a intervenção no estado da Bahia. As tropas do exército haviam ocupado a cidade, o governador renunciara, o chefe da oposição, que chegou do Rio num vaso de guerra, tomara posse como interventor. Horácio era o governo, Sinhô Badaró estava na oposição. (AMADO, 2016, p. 239)

Com isso, os aliados de Horácio conquistaram cargos no poder e concretizaram ainda mais suas forças. A derrota de Sinhô Badaró estava próxima, pois a matança na terra ainda acontecia, juntamente com queimas em cartórios, apagando o registro das posses dos Badarós e uma tacada final, o cerco na casa-grande dos Badarós que representou: *“O cerco da casa-grande dos Badarós foi o fim da luta pela posse das terras do Sequeiro Grande.”* (AMADO, 2016, p. 240)

Sinhô Badaró é ferido mas consegue fugir. Olga, a viúva de Juca, Don'Ana, Raimunda, João Magalhães e Antônio Vítor – que se encontrava casado com a afilhada de Sinhô, a Raimunda- também conseguem fugir. Mas valente e movida pela gana do cacau, Don'Ana tenta resistir, pois não queria perder todo o império que sua família construía.

Porém sua vida é poupada, pois Horácio diz que não mata mulheres. Por fim:

Don'Ana tomou de um dos cavalos que estavam arreados, olhou mais uma vez a casa-grade, montou, esporeou o animal e partiu na noite sem lua e sem estrelas. Só então, depois do seu vulto ter se perdido na estrada, Horácio levantou o braço e a voz, deu uma ordem, e puseram fogo na casa-grande dos Badarós. (AMADO, 2016, p. 242)

Esse era o fim de seus inimigos e a insurgência de sua hegemonia em toda a terra. Se possível atualizar o croqui de Anael (2014), a territorialidade remanescente era da oligarquia de Horácio.

A mata do Sequeiro Grande é invadida de vez, desmatada e derrubada. Apesar da guerra ter terminado, ainda restava uma última batalha, pois os Badarós haviam levado ao júri a acusação de que o culpado da morte de Juca fora Horácio.

Nesse ponto podemos refletir, também, que mesmo mortos, aqueles que possuem nome e classe social têm o direito e a possibilidade de reivindicar seus direitos, diferentemente daqueles tantos mortos que foram esquecidos, mortos e só serviram para derramar seus sangues no cacau.

Dessa batalha no tribunal, Jorge Amado insere a figura de um menino que faz o sorteio de cidadãos quem compõem o conselho de sentença. Esse menino, é o próprio Jorge pois: “[...] *Um menino, que anos depois iria escrever as histórias dessa terra, foi chamado por um meirinho para sacar da urna o nome dos cidadãos que iriam constituir o conselho de sentença.*” (AMADO, 2016, p. 244). É esse menino Jorge quem dará à luz todos os acontecimentos da guerra na própria obra em questão³.

³ Nota-se, também, que a temática do cacau é explorada em outras obras do autor, como por exemplo em “Cacau”, “São Jorge dos Ilhéus” e “Tocaia Grande”.

Josélia Aguiar em “Jorge Amado: Uma Biografia” descreve que de fato Jorge Amado vivenciou um conflito parecido como o promovido por Horácio e os Badarós: *“Em Terras do sem-fim, dois senhores de cacau, Sinhô Badaró e Horácio da Silveira, protagonizaram a época de grandes lutas pela posse da terra no Sequeiro Grande — como Jorge vira acontecer ainda menino com Sinhô Badaró e Basílio de Oliveira. [...]”* (AGUIAR, 2018, p. 170). Mais tarde, com a publicação do romance, Basílio procurou o pai de Jorge Amado para falar sobre o livro:

O real Basílio de Oliveira, viúvo de Yayá, procuraria seu pai, de quem era amigo, para falar do livro assim que saiu. “Compadre, dizem que Jorge escreveu contando essas brigas que teve aqui, que contou as mortes que mandei fazer, mas não tem importância”, admitiu. “Agora, dizem que ele botou no livro que Yayá me enganava e isso não está direito.” Não custou que João Amado tentou lhe explicar que Horácio da Silveira não era ele. (AGUIAR, 2018, p. 170)

O menino sorteia figuras que são todos aliados de Horácio, como o Manuel Dantas. Depois da discussão, Horácio foi absolvido com unanimidade e ainda reverteu a situação, fazendo com que Teodoro fosse indiciado pelas queimas no cartório; Sinhô e João Magalhães pela ilegalidade do registro de propriedade.

No último capítulo “O Progresso”, Horácio descobre numa conversa com Maneca Dantas meses depois que Ester o traía com Virgílio. Com isso, o coronel sente-se traído duas vezes, pela mulher e pelo amigo. Em consequência, ele encomenda a morte de Virgílio para manter sua honra, mesmo que a figura de seu companheiro o agradasse e tivesse sido essencial em toda a conquista pela posse das terras que dominava.

Maneca Dantas avisa sobre o plano de Horácio em matá-lo, mas para Virgílio nada mais importa, pois sua amada já havia partido daquela vida. Com a belíssima passagem, Virgílio cai propositalmente na tocaia feita para ele, sonhando com Ester, como se os dois estivessem viajando para longe daquelas malditas terras.

É como uma marcha nupcial. Nunca ninguém saberá que o último verso daquela história seria escrito nessa noite, na estrada de Ferradas. Que importa a morte, um tiro no peito, uma cruz na

estrada, uma vela acendida por Maneca Dantas, se Ester vai com ele na garupa do seu cavalo negro para outras terras que não sejam essas do cacau? A música o acompanha como uma marcha nupcial. Uma história de se espantar. (AMADO, 2016, p. 255- 256)

Nesse contexto, a cidade de Ilhéus progride, como Jeremias previa, e rapidamente ela vai se tornando uma potência dentre o cenário baiano em no livro posterior⁴, no cenário nacional.

Com a inquestionável vitória de Horácio, que coloca seus amigos em cargos políticos e de controle, como dr. Jessé como deputado do governo e Maneca Dantas como prefeito de Ilhéus, a cidade e a região se desenvolve. Como últimas palavras, temos a consequência de todo o sangue derramado.

Cinco anos demoravam os cacaueiros a dar os primeiros frutos. Mas aqueles que foram plantados sobre a terra do Sequeiro Grande enfloraram no fim do terceiro ano e produziram no quarto. Mesmo os agrônomos, que haviam estudado nas faculdades, mesmo os mais velhos fazendeiros, que entendiam de cacau como ninguém, se espantavam do tamanho dos cocos de cacau produzidos, tão precocemente, por aquelas roças. Nasciam frutos enormes, as árvores carregadas desde os troncos até os mais altos galhos, cocos de tamanho nunca visto antes, a melhor terra do mundo para o plantio do cacau, aquela terra adubada com sangue. (AMADO, 2016, p. 260)

Toda essa loucura e obsessão pelo cacau promoveram uma obra social que denunciou as atrocidades que coronéis fazem pela ganância. A vida é desvalorizada a tão nível que mais vale um coco do que uma um humano. É com essa potência que Jorge Amado arranca boas críticas e contribuindo com o olhar crítico e as possibilidades de reflexão que a obra propõe.

A atmosfera criada por Jorge é recheada de dramas e questões sociais que são aprofundadas na vivência de cada personagem. Isso faz com que Amado seja considerado como um dos maiores romancistas, pois consegue como ninguém contar histórias com amor, tensão, drama e luta.

⁴ São Jorge dos Ilhéus, 1944.

Na nossa literatura moderna, Jorge Amado é o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico. Amor dos ricos e dos pobres; amor dos negros, dos operários, que antes não tinha estado de literatura senão edulcorado pelo bucolismo ou bestializado pelos naturalistas. (CANDIDO, 1992, p. 47)

Até hoje muitos críticos se baseiam num só aspecto para diminuir a qualidade literária de Jorge Amado: a composição psicológica de seus personagens. Bom, “Terras do sem-fim” também não apresenta uma grande exploração do autor no subjetivo de cada um dos personagens que aparecem, entretanto, ao utilizar um narrador onisciente, o autor consegue permear sentimentos que guiam e provocam emoções nos leitores, como vimos com Virgílio, Ester, Jeremias e Damião, por exemplo.

Para Antonio Candido, Jorge Amado não tem paciência de trabalhar a psicologia na composição de seus romances, mas isso é o que o torna tão singular na literatura, pois sua literatura e suas histórias são vivas.

Jorge Amado não tem, evidentemente, as qualidades da análise. Nem paciência, nem minúcia, nem engenhosidade, nem senso da aventura interior, nem capacidade de isolamento. Não obstante os seus personagens são tão ricos e tão vívidos quanto os dos mestres analistas. Mais vivos, talvez, porque vivem a vida sadia de relação, e não perdem em vitalidade o que ganham em profundidade. Como o seu autor, que os faz existir graças à sua faculdade surpreendente de intuição. (CANDIDO, 1992, p.48)

Tânia Pellegrini advoga que além de tudo, Jorge Amado tinha mais apreço com a inserção ideológica em suas obras. Como um bom detentor do romance de 30, em Jorge prevalecia o tom de denúncia social do que a questão estética e subjetiva como a próxima geração do modernismo de 45.

[...] a inserção ideológica foi um aspecto marcante do romance desses tempos; mas, mesmo dentro desse marco, houveram grande diversidade temática e formal que a crítica, simplificando, dividiu em duas vertentes aparentemente antagônicas: o romance social (o político), geralmente definido como regionalista, e o romance urbano (o introspectivo). Na verdade, essa tipologia estabelece uma

nova forma de controle das representações, na medida em que o romance psicológico e/ou urbano é colocado em patamar superior, mais sofisticado, justamente por tratar de temas e situações citadinos, “civilizados”, alheios e distantes da rusticidade da gente dos rincões atrasados que se pretendem ignorar, apesar de sua “ingenuidade e pureza”. No mapa ideológico que aí se elabora, entretanto, são outras as veredas que subterraneamente se desenhavam. (PELLEGRINI, 2018, p. 171)

Na potência desta obra que relampeja possibilidades de debates e com o olhar geográfico para a questão agrária, o próximo capítulo propõe compreender as dinâmicas que se desenrolaram na narrativa, além de delinear os conflitos pela terra.

CAPÍTULO 3 - O DESENVOLVIMENTO CONFLITUOSO DO ESPAÇO AGRÁRIO

“Políticos, magistrados, bacharéis e o padre-mestre comiam na mãe do Coronel, apoiavam calorosamente o louvor do ex-capanga. Mas somente os fazendeiros, os coronéis, eram seus iguais: sabiam o porquê das coisas, conheciam o exato valor da lealdade, o preço da vida e da morte, entendiam as razões das alabanças” – Tocaia Grande, Jorge Amado

Os acontecimentos daquela terra cacauieira repercutiram na história da sociedade rural. A artimanha política que atraía trabalhadores e os comandava com cabresto conduziram uma série de turbulências na vida social. Engendraram, ainda, um típico modo de vida pautado na violência, ignorância e desprezo com as camadas sociais mais inferiores. Para entender mais da dinâmica que se ocorreu, se faz necessário entrar em contato com a visão que a geografia oferece sobre a questão agrária. Assim sendo, este capítulo é destinado nesse diálogo entre a literatura e a geografia.

A geografia, sobretudo humana, aborda com seus artefatos e diálogos, a possibilidade da compreensão não apenas da teoria, ou do que é apresentado a ela como objeto de estudo e crítica, mas também a análise do vivido e do experienciado.

Uma das artimanhas especiais desta ciência está no fato e apreensão do conceito de ambiente percebido, sendo esse ambiente possível campo de compreensão e relação interdisciplinar entre ciências e áreas do conhecimento.

Utilizar essa relação da Geografia e Literatura contribuiu, justamente, para o desenvolvimento da pesquisa e, ainda, geografiar a literatura na obra literária.

O conceito de ambiente percebido tem uma tradição considerável na cultura histórico-geográfica, embora sem a atual terminologia; [...] os geógrafos históricos devem estudar a trilogia de mundos: o mundo real, tal como registrado em documentos e na paisagem; o mundo abstrato, tal como representado por modelos gerais da ordem espacial no passado; e o mundo percebido [...] A partir desses três tipos de visão, pode ser possível o fornecimento de explicações sobre as mudanças nas paisagens, que não podem ser obtidas a partir de processos presumidos, fornecidos por séries de dados no tempo [...] A reconstrução de ambientes pretéritos é, entretanto, extremamente difícil, tendo em vista que ela envolve a visão dos registros escritos, através das lentes culturais do escritor. (JOHNSTON, 1986, p. 201)

Assim, os recursos literários devem, e foram, explorados para poder costurar as redes e a narração. A princípio, o uso das orações foi tipicamente pensada para poder traçar e conceber o sentido em relação ao tempo e ao espaço.

Como camadas já irreais – irreais por não terem autonomia ôntica, necessitando da atividade concretizadora e atualizadora do apreciador adequado – encontramos as seguintes: a dos fonemas e das configurações sonoras (orações), “percebidas” apenas pelo ouvido interior, quando se lê o texto, mas diretamente dadas quando o texto é recitado; a das unidades, são “projetadas”, através de determinadas operações lógicas, “contextos objectuais (Sacherhalte), isto é, certas relações atribuídas aos objetos e suas qualidades [...]. Estes contextos objectuais determinam as “objectualidades”, por exemplo, as teses de uma obra científica ou o mundo imaginário de um poema ou romance. (ROSENFELD, 2014, p. 13)

Tendo a noção da experiência, é possível, e importante, conceber a cidade na obra e a obra na cidade para assim, compreendermos e relacionar o objeto com o estudo. Tão logo, a identificação da função das orações expostas no livro são mais visíveis.

Este mundo fictício ou mimético, que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra. [...] um das funções essenciais da oração é a de projetar. (ROSENFELD, 2014, p. 15)

Terras do sem-fim é além de um romance histórico e social, uma aventura:

Também aqui as Terras do sem fim são uma espécie de outro mundo, para onde a febre do cacau, a sede do ouro, arrastam os homens numa aventura desbragada, cheia de perigo e de morte, de sangue e de brutalidade. Um inferno para o operário, uma parada de vida ou de morte para o fazendeiro, uns e outros atirados na aventura capitalista da concorrência e da violência. (CANDIDO, 1992, p. 52)

E devido ao seu estrondoso sucesso e relevância nas pautas das ciências humanas, na política e no reconhecimento das problemáticas do campo brasileiro, foi considerado como

o maior romance do autor baiano. “É este, sem dúvida alguma, o seu maior livro. [...] É um grande romance, cujo significado na nossa literatura não pode no momento ser bem aquilatado.” (CANDIDO, 1992, p.54)

Mas antes de partir para o entendimento histórico e geográfico na qual a região sul baiana vivenciou, cabe aqui a compreensão conceitual na qual este trabalho foi movido sobre o conceito de espaço.

Milton Santos, renomado geógrafo, desenvolveu em grande parte de sua carreira acadêmica pesquisas sobre a produção do espaço e a dinâmica dos mesmos. Utilizando seus postulados como aparato no auxílio da argumentação deste capítulo, se fez necessário recorrer aos livros *Por uma Geografia Nova*, *Técnica, Espaço, Tempo* e *Espaço e Método* como referencial teórico sobre o conceito de Espaço, sendo esse produzido e suscetível ao meio econômico, político e social.

Ao pensar nas terras do cacau da obra precisamos compreender que o interesse econômico da região movimentou e produziu um espaço até então inabitado e desconhecido. Milton Santos, baseando-se em pesquisadores como Martha Harnecker e Ernesto Cohen, defende a ideia de um espaço como instância social (2012), já que a formação social neste espaço é oriunda das relações de produção.

“[...] a formação social é uma estrutura complexa, composta de estruturas regionais complexas (econômica, ideológica, jurídica, política), todas estando articuladas a partir da estrutura das relações de produção).” (SANTOS, 2012, p. 178)

Ainda nesse sentido, a estrutura social num sistema capitalista promove a produção do desenvolvimento desigual:

[...] a estrutura social é formada por três sistemas: o da produção, o da estratificação, o da dominação. [...] cada um desses sistemas se encontra em um processo contínuo de transformação, embora com ritmos diferentes e com diferente intensidade. [...] Tal explicação acrescenta um novo elemento ao entendimento da evolução social, isto é, o fato do desenvolvimento desigual e combinado das estruturas em movimento. (SANTOS, 2012, p. 179)

O espaço é entendido como autônomo sobre outras instâncias, pois sendo o espaço como um fato social, ele é, em consequência, o reflexo da sociedade, que possui suas qualidades funcionais. “[...] o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia que se manifesta por meio de leis próprias, específicas de sua própria evolução.” (SANTOS, 2012, p. 181)

O espaço como um fato social dialoga dialeticamente com suas memórias, ou seja, não apenas o presente que produz um espaço, mas sim toda a história ali presente. Outro ponto interessante levantado por Milton Santos é a dissociação que o espaço depende apenas do fator econômico: “O espaço não depende exclusivamente da estrutura econômica, como alguns têm a tendência a imaginar.” (SANTOS, 2012, p. 182) Ele também depende de elementos e contextos sociais, políticos e culturais, chegando na lógica de que o espaço é dinâmico. “Se o espaço organizado é também uma forma, um resultado objetivo da interação de múltiplas variáveis através da história, sua inércia é, pode-se dizer, dinâmica” (SANTOS, 2012, p. 185)

Podemos enxergar muito bem essa dinâmica do espaço presente na obra de Jorge Amado, especialmente quando compreendemos as diferentes temporalidades nos povoados de Ferradas e Tabocas, sendo que em cada uma, os costumes, a política e o próprio modo de vida é diferente. Ferradas, por exemplo, no final da obra consegue se desmembrar de Ilhéus e formar sua própria cidade, com sua política e sua gente.

Milton Santos segue seu raciocínio de um espaço dinâmico e que se assemelha ao nome de propriedade:

O espaço, por outro lado, não é jamais um produto terminado, nem fixado, nem congelado para sempre. Mas um dos seus elementos – e não se trata de um elemento sem importância, é fixo ao solo. As formas espaciais, criadas por uma geração ou herdadas das precedentes, têm como características singular o fato de que, como forma material, não dispõem de uma autonomia de comportamento, mas elas têm uma autonomia de existência. Isso lhes assegura uma maneira original, particular, de entrar em relação com os outros dados da vida social. A isso também se dá outro nome: As propriedades de uma coisa. (SANTOS, 2012, p. 187)

A noção de produção e espaço andam juntas: “*O espaço sempre foi o locus da produção. A ideia de produção supõe a ideia de lugar. Sem produção não há espaço e vice-versa.*” (SANTOS, 2014, p. 81)

Produzido e reproduzido um espaço idealizado sob as condições das elites, temos um espaço que será vantajoso e benéfico a esses idealizadores. Como podemos perceber em “Terras do sem-fim”, o espaço produzido pelo coronel Horácio e sua territorialidade o privilegiou no âmbito social, político e econômico. Como não era um espaço pensado para as camadas mais inferiores, os que não morreram pelo coronel, foram esquecidos e marginalizados.

[...] Se as condições de organização da economia, da sociedade e do espaço conduzem a agravar a pobreza, isto é, a reduzir a participação dos trabalhadores urbanos e rurais no fruto do seu trabalho, a organização do espaço e o perfil urbano resultantes serão um fator suplementar de pobreza, isto é, farão com que os pobres se tornem ainda mais pobres. Isso ainda é mais verdade em certas áreas do que na grande maior parte do país, quando se dá um ritmo acelerado das transformações, cujos agentes privilegiados encontram, no próprio esforço oficial, os meios de fortalecer sua própria posição e, em consequência, enfraquecer a posição da maioria das pessoas. (SANTOS, 2014, p. 113)

Por fim, com o passar do tempo e das épocas, que unem novos sujeitos e dinâmicas no mesmo espaço, produzem novos espaços.

“O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente.” (SANTOS, 2013, p. 46)

Refletir o espaço agrário presente na obra *Terras do sem-fim* com o auxílio teórico levantado anteriormente produz a ideia de que aquele espaço vivenciados pelos personagens é justificado pela dinâmica e de sua própria produção e reprodução, gerido pela elite em sonho e enriquecer.

Com o processo da colonização europeia em terras brasileiras instaurou uma nova dinâmica territorial e política, a transformação da terra em propriedade. Uma vez que os dominadores "conquistavam" os territórios pautados na apropriação da terra, esses mesmos agentes promoveram uma lógica de dominação hegemônica tendo como pilar de poder a posse. Outro aspecto importante de se levar em conta sobre esses processos de dominação se baseia na presença do capital como protagonista dos interesses e desejos dos colonizadores.

Essa lógica do capital permitiu a insurgência de mazelas sociais, políticas e econômicas que infelizmente não são meras lembranças históricas, já que a contemporaneidade apresenta esses problemas ainda tão cruéis.

João Pedro Stédile (1997) em *Questão agrária no Brasil* discorre sobre a formação das temáticas agrárias brasileiras com uma consistente, embora sintetizada, recapitulação histórica do campo. As Capitanias Hereditárias marcaram o princípio das distribuições de terras no Brasil duma maneira completamente voltada à nobreza e favorecendo a desigualdade territorial. A divisão de cada capitania pelos donatários, sesmarias, seguia a mesma ideia da posse da terra pela burguesia, sendo assim, as grandes dimensões de terras, os latifúndios, produziam suas monoculturas e grande parte da renda era destinada à coroa. Vale ressaltar que nesses primórdios dum Brasil colonial, quem tinha direito à posse da terra eram aqueles que ou eram nobres, ou possuíam algum vínculo com a elite brasileira.

Ainda sob o regime da monarquia a Primeira Lei de terras de 1850 determinou que a propriedade privada da terra seria permitida apenas para aqueles que a legalizassem nos cartórios. Isso fez com que grande parte da população não pudesse ter sua propriedade, sobretudo os escravos libertos, pois os mesmos não possuíam o poderio econômico para comprar a terra e, ainda por cima, pagar o registro da mesma.

Dessa imposição da atuação dos cartórios para o registro das propriedades privadas, surgiram, também, mais meios de corrupção e tramoias que a própria burguesia sempre fomentou para conquistar vantagens. Por isso é tão comum encontrar personagens que são geralmente os mais estudados, os "advogados" que trabalham para grandes coronéis a fim de manter seus privilégios sobre um tapete com sujeiras, como o Dr. Virgílio em *Terras do sem-fim*.

Devido ao acesso à terra ser tão discriminatório, complexo e praticamente impossível para as camadas mais simples da sociedade, o que restava para essa parcela populacional era viver na terra em troca de favores, mão de obra, trabalho pela sua própria subsistência.

Ora, por se formar a propriedade de maneira tão desigual desde os primórdios da própria formação territorial brasileira, encontram-se portanto, diversas heranças que esse problema da raiz trouxe para a contemporaneidade. São problemas sociais, culturais, econômicos, espaciais e políticos.

Seguindo o regimento do capital para a articulação de tudo e de todos, o Brasil foi testemunha de toda a violência, todos os conflitos e desigualdades no campo brasileiro. Esses problemas não são exclusivos do campo, mas existem várias novas problemáticas encontradas no urbano também.

A economia sempre apresentou renovações e diferentes olhares. Não podemos negar que a sociedade acompanhou cada ciclo econômico e, ademais, a economia permitiu ainda o surgimento e a evolução das cidades e do avanço técnico-científico. Mas o caminho para tal avanço foi marcado de muito sofrimento, sobretudo das sociedades marginalizadas.

No contexto de *Terras do sem-fim*, primeiras décadas do século XX, com a passagem de ciclos econômicos e as formas de trabalho, sejam na indústria, quanto no campo, foram submetidas a reestabelecimentos e divisões do trabalho que ditavam regras para cada contexto em questão.

O principal momento histórico se deu na passagem do trabalho escravo para as formas de trabalho livre e o regime do colonato. Que lidavam, sobretudo, com a própria produção do trabalho.

[...] O padrão industrial como tempo de trabalho médio mundial, como abstração, definia a forma negativa de ser das categorias da industrialização na periferia. Na relação intrínseca a esse as categorias foram a identidade negativa. Contradição indenitária da formação periférica do moderno e da modernização. Caracteriza-se, entretanto, o não entrelaçamento entre os ramos produtivos na periferia brasileira da reprodução mundial do valor. A reposição dos pressupostos de uma realidade industrialmente capitalista não se fez de modo a formar propriamente as relações entre capital e trabalho. Na realidade, formou-se uma indústria interiorana que, na contradição de produzir o trabalho livre agrário, tornou-o produtivamente insuficiente para repor de modo ampliado a reprodução do trabalho assalariado na indústria. O pequeno desenvolvimento que esta reprodução agrária estava submetida

implicava, com tudo, num fortalecimento do número de produtores que era já impeditivo do trabalho assalariado como condição da produção. Na determinação de consumidor, para se repor como reprodutor agrícola que tornou possível este mercado interno ao qual estas milhares de oficinas estavam sujeitadas. (ALFREDO, 2013, p. 196-197)

E na relação entre cidade x campo, o papel da indústria, movida por contradições e, até conflito, no próprio sistema capitalista, reproduz particularidades de um sistema, sobretudo, negativo.

[...] Contradição posta pela divisão entre campo e cidade determinada pela produção agrária que, assim, particularizava a indústria daí oriunda. Ou seja, não se formava uma revolução agrícola no sentido de que a agricultura se tornava um ramo da indústria, mas que a própria indústria se colocava como formadora de se mercado o trabalho na agricultura, este era o seu principal produto. A realidade agrária, portanto, se apresentava como pressuposto o era, especialmente, resultado da indústria, ao mesmo tempo em que condição, mas cuja resultante era a expansão de uma realidade agrícola. A produtividade d trabalho agrícola brasileiro esteve muito mais centrado na possibilidade de monetizar relações sociais já existentes do que em fundamentar um crescimento produtivo que permitisse uma incorporação do trabalho no interior da produção fabril. (ALFREDO, 2013, p. 218)

Ana Fani, em seu livro *Espaço e Indústria* apresenta como a ascensão da indústria no Brasil está associada, além na produção do espaço, este movido pelas condições humanas e a própria ação do capital, desenvolve, ainda, sistemas de dominação x subordinação.

A análise inicial sob o processo de reprodução urbana encaminha-nos para o estudo da cidade. O rápido crescimento industrial, traz à cidade mudanças significavas, tanto no que se refere ao modo de vida da população, quanto ao processo espacial. A atividade industrial assume o papel de comando na reprodução espacial. [...] À medida que se desenvolve o ciclo do capital cria-se e desenvolve-se o processo de produção do espaço pela sociedade que não só possibilita a produção do capital, como também a existência humana. O espaço é produzido para atender, de um lado às necessidades da produção e da circulação de mercado, visando o funcionamento perfeito do ciclo do capital e, de outro, a reprodução humana. (CARLOS, 1991, p. 38 - 40)

No contexto em que *Terras do sem-fim* acontece, princípios da década de 1920, o Brasil ainda convive com as consequências dos trabalhadores livres e com a instauração do

regime de colonato em praticamente todo o espaço agrário brasileiro. Um dos principais estudiosos do tema foi o sociólogo José de Souza Martins.

Obra de referência nos estudos sociais e geográficos, sobretudo às áreas relacionadas ao campo e a geografia agrária, *O Cativo da Terra*, lançado em 1979, José de Souza Martins, com sua escrita crítica e embasada metodologicamente no materialismo histórico dialético, realiza um estudo voltado ao campo brasileiro, instância que movimentou a economia, a política e o social do Estado e, sobretudo, do ser camponês.

Na apresentação do livro, o autor parte do princípio de seu desejo de poder contribuir com os debates da época sobre as relações capitalistas e não capitalistas de produção. Vendo diversos impasses e conclusões simplistas sobre o tema, o cientista social decide dirigir seus olhos e atenção à problemática.

O estudo presente no livro se baseia, especialmente, na questão da natureza, bem como as contradições que a assolam para o desenvolvimento social.

Tão logo, Martins trabalha com a máxima dialética em sua escrita, tentando dialogar e compreender uma explicação sobre os modos de produção e as formações econômicas-sociais. Baseando-se, sobretudo, nos estudos de Karl Marx, o cientista compreende que o modo de produção está completamente atrelado ao processo social, uma vez que, de certa forma, a produção e a reprodução do modo capitalista contribui com o movimento da sociedade, numa espécie de seguidores das regras dessa produção.

Para ele o mais fundamental é a reconstrução científica do processo social, do movimento da sociedade. Um modo de produção é um modo como se dá esse movimento. (MARTINS, 1986, p. 1)

Incorporando os estudos d'Capital de Marx, os conceitos e debates são explorados para o objeto de estudo de Martins, o campo e as relações de produção camponesas.

Quando ele se refere a modo de produção camponês, por exemplo, está se referindo a processo camponês de trabalho, que não exclui a sujeição do trabalho camponês ao capital, fato que não deveria ser perdido de vista diante de um estudo sobre a produção do capital e sobre a sua reprodução capitalista. (MARTINS, 1986, p. 2)

Assim sendo, a grande pauta que compreende essas relações de produção e, até mesmo, reprodução desses modos estão pautados na perspectiva da desigualdade e seu desenvolvimento desigual.

Tanto o campo, quanto a cidade, contaram e ainda contam, com o desenvolvimento desigual, que impõe modos de produção hegemônicos do capital, visando, sempre, a desigualdade. Logo, José de Souza Martins acredita que seu estudo não seja na questão conceitual e as consequências de um espaço geográfico, mas sim essa mazela que acomete toda sociedade sob o capital.

O núcleo da formação não é o espaço geográfico no qual se realiza, mas o seu desenvolvimento desigual, não o desenvolvimento econômico desigual das análises dualistas produzidas na perspectiva economicista e sim o desenvolvimento desigual das diferentes expressões sociais das contradições fundamentais da sociedade. (MARTINS, 1986, p. 2-3)

Com esse olhar para as desigualdades, a pesquisa de Martins valoriza e privilegia os processos sociais encontrados. Como a noção de Renda da Terra, que tem como consequência uma necessidade do capital, bem como o regime do colonato.

[...] o capital é um processo, desenvolvida por Marx, a observação de que o próprio capital engendra e reproduz relações não capitalistas de produção. [...] Sendo a renda da terra de origem pré-capitalista, perde, no entanto, esse caráter à medida que é absorvida pelo processo do capital e se transforma em renda territorial capitalizada, introduzindo uma irracionalidade na reprodução do capital. A determinação histórica do capital não destrói a renda nem preserva o seu caráter pré-capitalista – transforma-a, incorporando-a, em renda capitalizada. (MARTINS, 1986, p. 3)

Por isso, a ideia cabível de que um escravo era uma figura de renda capitalizada, não um capital.

Em relação à renda capitalizada, alguns pontos são levantados na obra para a reflexão. Essa renda estava associada à sujeição do trabalho na grande lavoura.

Num primeiro momento, até o século XIX, Fazenda era um conjunto de bens produzidos pelo trabalho e a personificação do trabalho escravo na terra.

Com a crise do trabalho servil, a renda capitalizada passa do escravo para a terra. Sendo que antes desta crise, a terra não equivalia a um capital, apenas a relação de posse da terra, como a Sesmaria.

As novas relações de produção, baseadas no trabalho livre, dependiam de novos mecanismos de coerção, de modo que a exploração da força de trabalho fosse considerada legítima, não mais apenas pelo fazendeiro, mas também pelo trabalhador que a ela se submetia. Nessas relações não havia lugar para o trabalhador que considerasse o trabalho como uma virtude da liberdade. (MARTINS, 1986, p. 18)

Tanto o trabalho, quanto a terra apresentavam um caráter livre, mas não era verídico tal como o conceito, pois os regimes servis de semi-servidão dos trabalhadores após a abolição, quanto as disputas pela terra, sem regulamentações e mercado imobiliário presente e/ou marcante, contribuíram com o desenvolvimento do sistema do colonato e, assim sendo, com a reprodução da desigualdade no campo brasileiro.

Essa crise deu lugar a um regime de colonato e que abrangeu tanto a cultura de café quanto a de cana de açúcar. Ele não pode ser definido como regime de trabalho assalariado, já que o salário em dinheiro é, no processo capitalista de produção, a única forma de remuneração da força de trabalho. Isso porque o colonato se caracterizou [...] pela combinação de três elementos: um pagamento fixo pelo trato do cafezal, um pagamento proporcional pela quantidade de café colhido e produção direta de alimentos como meios de vida e como excedentes comercializáveis pelo próprio trabalhador. Além do que o colono não era um trabalhador individual, mas sim um trabalhador familiar. É, porém, a produção direta dos meios de vida com base no trabalho familiar que impossibilita definir essas relações como relações capitalistas de produção. A prévia mercantilização de todos os fatores envolvidos nessas relações, mediante o que o salário não pode ser um salário-aritmético, isto é, disfarçado, mas deve ser salário em dinheiro para que os meios de vida necessários à produção da força de trabalho sejam adquiridos pela mediação do mercado, é condição para que as relações de produção se determinam como relações capitalistas de produção. Tal condição, porém, não se dá neste caso. O salário-aritmético é um salário que entra na cabeça do capitalista, mas que não entra no bloco do trabalhador, não produz uma relação social. (MARTINS, 1986, p. 18-19)

Como explicado por Martins, a relação entre produção e trabalho está para além das relações capitalistas de produção, mas engloba também modos de vida dos camponeses e sua reprodução inseridos naquele sistema.

A exploração do trabalhador no campo passou do sistema escravista para os trabalhadores livres, que se submetiam ao regime do colonato para poder lutar pela subsistência, estando suscetível aos conflitos que o campo apresenta. O segredo, tão logo, da acumulação do capital se baseia na acumulação primitiva e capitalização da renda da terra.

Em Terras do sem-fim, apesar da trama ocorrer no Brasil República, todos os acontecimentos são resquícios de um país que recorda as memórias do sistema colonial, sendo uma sociedade agrária e com modos pautados nos séculos anteriores.

Toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para se compreender exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois de proclamada nossa independência política e cujos reflexos não se apagaram ainda hoje. (HOLANDA, 2020, p. 85)

Ainda sob a condição do senhor do capital, os grandes proprietários de terras eram quem tinham poder e influência política. *“Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplicas. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica. O engenho constituía um organismo completo e que, tanto quanto possível, se baseia a si mesmo.”* (HOLANDA, 2020, p. 94)

Esses líderes rurais construíram impérios privados e na privada vida suas leis próprias, movidas pelos interesses e ambições prevaleciam. Isso legitimava péssimas condições de trabalho e relações humanas, além de replicar atos como o coronelismo.

No rústico modo de vida desses sujeitos “líderes” valores patriarcais são repassados de gerações a gerações, assim como o império construído e o poder e influência.

A família patriarcal fornece, assim, o grande modelo por onde se hão de calcar, na vida, política, as relações entre governantes e governadores, entre monarcas e súditos. Uma lei moral inflexível, superior a todos os cálculos e vontades dos homens, pode regular a boa harmonia do corpo social, e portanto deve ser rigorosamente respeitada e cumprida. (HOLANDA, 2020, p. 101)

No Brasil da República Velha, os líderes políticos eram os grandes proprietários de Terras. Mesmo que não assumissem cargos no executivo ou no legislativo, esses sujeitos é quem mandavam na verdade. Os “coronéis” como foram Sinhô Badaró e Horácio em *Terras do sem-fim*, mandavam de acordo com seus interesses, manipulavam e corrompiam as camadas mais pobres da população para manterem sua influência e poder. Horácio, no romance, apesar de ser a figura mais imponente da trama não assume a prefeitura, mas literalmente coloca seu amigo e aliado Maneca Dantas no cargo.

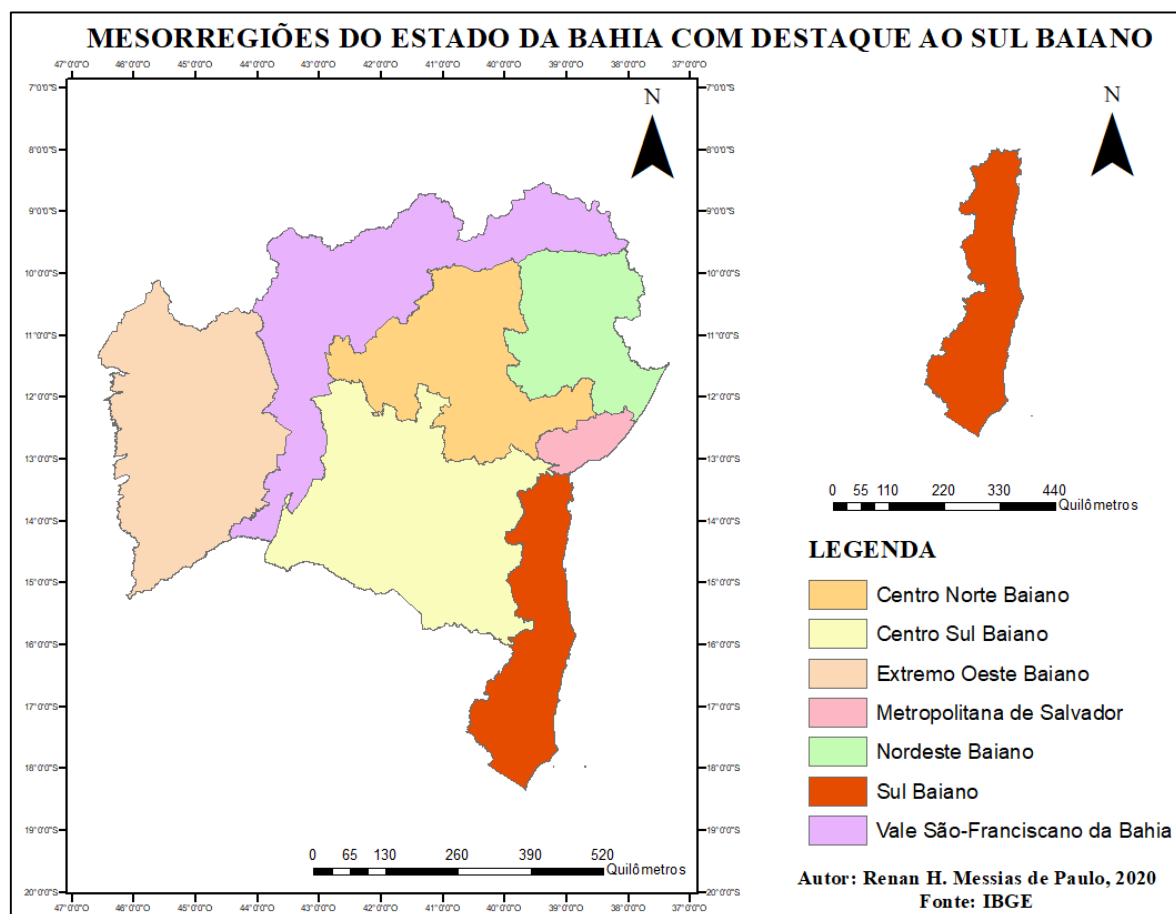
Victor Gomes Leal estuda a dinâmica política no campo brasileiro e registra como certos costumes aconteciam em *Coronelismo, Enxada e Voto*.

Qualquer que seja, entretanto, o chefe municipal o elemento primário desse tipo de liderança é o “coronel”, que comanda discricionariamente um lote considerável de votos de cabresto. A força eleitoral empresta-lhe prestígio político, natural coroamento de sua privilegiada situação econômica e social de dono de terras. Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas. (LEAL, 1997, p. 42)

Um exemplo é quando chega um subdelegado em Tabocas e Jorge Amado descreve assim: “*Havia um subdelegado, era a maior autoridade. Isso em nome, porque, em verdade, a maior autoridade era Horácio*” (AMADO, 2016, p. 125). Leal continua seu raciocínio sobre os coronéis e a importância deles para o povo na qual eles mantinham sob rédeas:

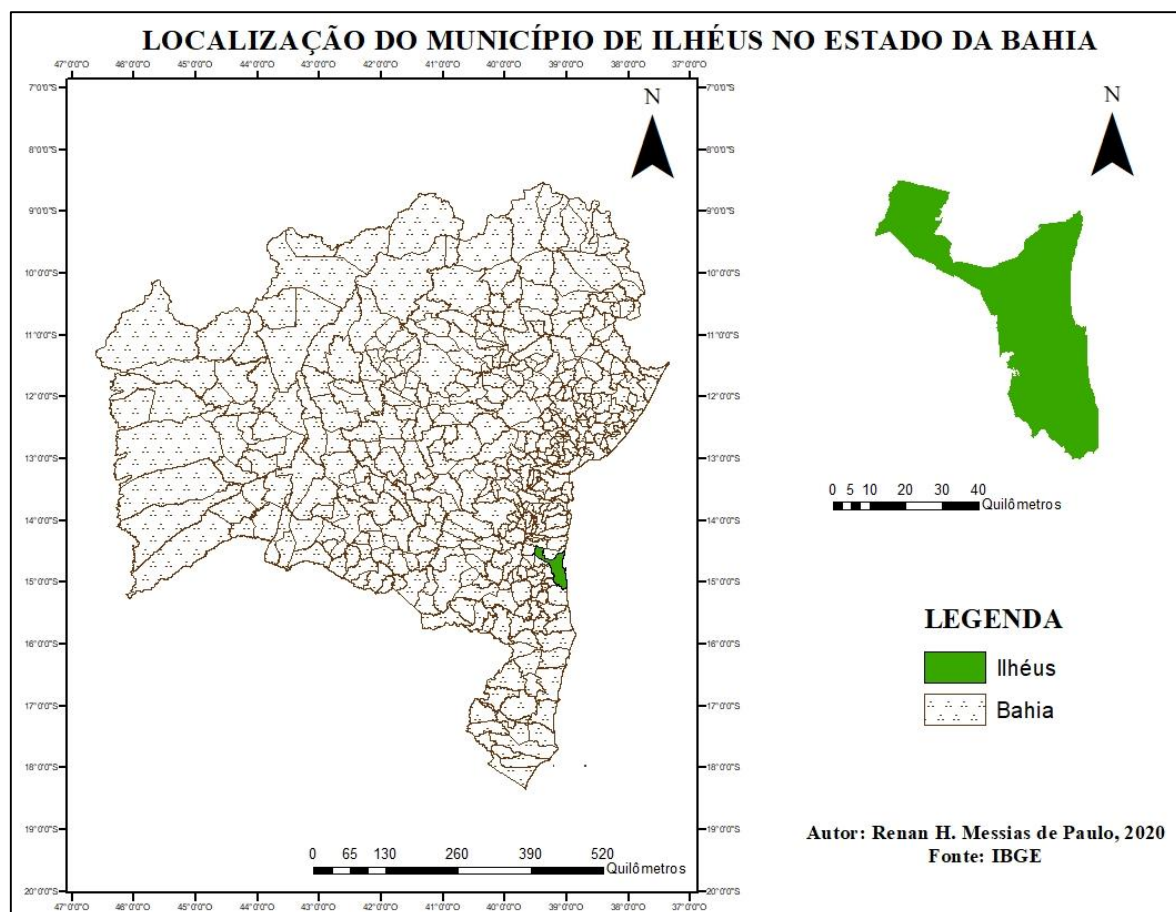
Essa ascendência resulta muito naturalmente da sua qualidade de proprietário rural. A massa humana que tira subsistência de suas terras e vive no mais lamentável estado de pobreza, ignorância e abandono. Diante dela, o “coronel” é um rico. [...] o roceiro vê sempre no “coronel” um homem rico, ainda que não o seja; rico, em comparação com sua pobreza sem remédio. Além do mais, no meio rural, é o proprietário de terra ou de gado quem tem meios de obter financiamentos. Para isso muito ocorre seu prestígio político, pelas notórias ligações dos nossos bancos. É, pois, para o próprio “coronel” que o roceiro apela nos momentos de apertura, comprando fiado em seu armazém para pagar com a colheita, ou pedindo dinheiro, nas mesmas condições, para outras necessidades. (LEAL, 1997, p. 43)

Tudo não se passa por uma questão de necessidade. A miséria da vida fez com que muitos precisassem migrar para lutar pela sobrevivência. Nesse movimento, encontramos no primeiro capítulo do romance de Jorge a chegada duma população pobre que busca nas ricas e promissoras terras do cacau da região sul baiana.



MAPA 1. Mesorregiões do estado da Bahia com destaque ao Sul Baiano. **Autor:** Paulo, 2020.

O mapa acima ilustra a atual divisão em mesorregiões do estado da Bahia, sendo a sub-região “Sul Baiano” a destacada, onde se localiza a cidade de Ilhéus, principal espaço na qual se desenrola a guerra do Sequeiro Grande. No mapa abaixo é destacado a cidade de Ilhéus no estado da Bahia utilizando os atuais dados e dimensões territoriais do IBGE.



MAPA 2. Localização do município de Ilhéus no estado da Bahia. **Autor:** Paulo, 2020.

Os dados sobre migração nas primeiras décadas do século XX no nordeste são difíceis de serem encontrados, mas com a economia do cacau vingando bons frutos em cenário nacional, as terras baianas receberam milhares de pessoas em busca de trabalho e enriquecer. “*Movendo-se pelo país numa verdadeira aventura retirante, [...] os camponeses brasileiros, [...] foram se inserindo no campo.*” (OLIVEIRA, 2001, p. 188). A inserção dos camponeses no campo também ocorreu de forma desigual e conflituosa. Chegados da migração, muitos se submetiam as péssimas e insalubres formas de trabalho, compactuando com regimes autoritários e, até mesmo de semi servidão. Na biografia escrita por Josélia, a autora descreve alguns dados:

Em menos de três décadas passou de 7 mil para 100 mil a soma dos habitantes das vizinhas Ilhéus e Itabuna, rivais na disputa por importância, divisas territoriais e impostos. O crescimento da população só não fora maior que o da produção de cacau — no mesmo intervalo de tempo cresceu vinte vezes. Aquela terra revelara-se de uma fertilidade incomum. Os pés da planta se desenvolviam em larga escala, o produto brasileiro foi adquirido cada vez mais clientela, e o país enfrentava menos concorrentes de seu porte no mercado internacional. (AGUIAR, 2018, p. 15)

O cacau, originário da Amazônia, encontrou na Mata Atlântica excelentes condições de desenvolvimento. Tão logo, sua reprodução, com incentivo de fazendeiros e da própria coroa na época do império, foi se espalhando nas terras do sul baiano. Essas terras convidaram trabalhadores e sujeitos de toda a parte, transformando a Bahia num estado multifacetado.

A Bahia, estado da Região Nordeste, é um desses espaços, repleto de influências e de um contexto multifacetado, onde dentro de um mesmo estado se apresentam culturas diversas, a exemplo das variações de sotaques, comportamentos, gostos, culinária e até aspectos fenótipos. A diversidade de aspectos atrativos para o estado também impressiona: dendê, seringa, café, soja, sisal, cacau, agroindústria, polo de informática, turismo, comércio, pecuária, preservação ambiental, educação superior, dentre outros, têm sido apontados como fatores de atração por alguns contingentes migratórios que hoje fazem parte da formação histórico-social do estado. No sul da Bahia, principalmente na região que compreende as cidades de Ilhéus e Itabuna, a monocultura do cacau se constituiu em alicerce da formação não só econômica, mas também social e identitária. Vigoraram, durante várias décadas, uma política e aspectos culturais que centraram a figura do cacau como ícone principal, uma vez que influenciava todos os segmentos da sociedade, que perpassava os fluxos migratórios, a economia e a política, a hierarquização social, a literatura e o artesanato. (SANTOS, 2013, p. 41)

Mas a prosperidade não era proporcionada para todos. Na realidade, grande parcela desses migrantes aumentaram ainda mais os índices de desigualdade e pobreza.

[...] o grande fluxo migratório regional de pessoas atraídas pela prosperidade econômica da região deslumbradas pelo sonho de novas oportunidades. Este fluxo migratório teve uma absorção socioeconômica limitada, culminando na marginalização e pobreza de parte desta população. Como resultado, se constituíram periferias pobres e parcialmente privadas dos serviços socioassistenciais, de educação e saúde, direcionados prioritariamente ao atendimento das camadas mais favorecidas economicamente. (FUJIKAWA, 2015, p. 73)

Com uma população diversificada e com gente para servi-los, os coronéis usam os corpos humanos como se não tivessem valor e, por interesse próprio travam guerras, empoçam terras e promovem conflitos no campo.

No romance de Jorge Amado isto é muito claro: quem sofre mais são as camadas sociais mais inferiores do campo. São os camponeses, os pequenos proprietários e os colonos. Muitos perdem suas vidas por se sujeitarem a péssimas condições de trabalho. *“No campo, a ditadura tem sido muito mais persistente, generalizada, congênita, do que na cidade. Os latifundiários e os empresários sempre impuseram os seus interesses, de forma mais ou menos brutal.”* (IANNI, 2004, p. 155)

A persistência da violência no campo é que faz este trabalho ser relevante no debate político, social e geográfico da contemporaneidade. Infelizmente muitos ainda perdem vidas defendendo interesses de grandes agentes monopolizadores de poder sem que estes, sequer, reconhecem os nomes daqueles que os defendem.

Mas uma coisa os ricos e pobres tem em comum no romance: a fissura pelo cacau. Essa idealização e a busca do enriquecimento nas plantações promove o encontro do homem com a natureza e, juntos, eles se transformam. *“Ao estabelecer intercâmbio com a natureza, em particular a terra, compreendendo água, fauna, flora, relevo, recursos minerais, ciclo das estações, fecundidade etc., o homem apropria-se dela e a transforma. Transforma-se ele também com ela. Transfigura-se.”* (IANNI, 2004, p. 174).

Com perdas, encontros, paixões que se formaram e amores despedaçados, *Terras do sem-fim* esboça o retrato de um Brasil conflituoso, violento mas que, diante de toda as injustiças e lutas, a terra é compreendida como uma riqueza que todos querem possuir. Como uma espécie de humanização dela própria.

[...] O mesmo processo de apropriação da terra, polarizado entre uso e propriedade, ou posse e domínio, compreende pendências e conflitos entre índios, posseiros, grileiros e muitos outros. Com o desenvolvimento das relações capitalistas de produção no campo, a terra se constitui como processo, as diversas metamorfoses da terra compreendem as diversas configurações do trabalho. A humanização da terra, segundo as condições da sociedade burguesa, compreende a sua transformação em relação social, relação de produção, propriedade burguesa. A natureza transfigura-se em histórias na trama das relações de produção, das contradições de classes. (IANNI, 2004, p. 174)

O aprendizado de todo o sangue derramado se baseia na resistência à ganância pela possibilidade do dinheiro, que faz com que o ser humano se torne um ser fora de controle.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“— *ah, terra de pobreza e iniquidade! Nos limites do cacau não existiam romarias nem milagres.*” - Tocaia Grande,

Jorge Amado

Estudar os conflitos do campo envolve muita gana, estômago e desejo: de mudança, de compreensão, de reflexão, de praticar a empatia e, por fim, de resistir. Num contexto na qual a violência no espaço agrário brasileiro persiste e vem aumentando a cada ano, sendo fomentado por políticas que impõem restrições e sanções aos pequenos proprietários e as comunidades tradicionais, mas ao mesmo tempo, sob tocaias e a lua cheia promovem atentados, derrubada de matas e queimadas, pensar no campo é, antes de tudo, um ato de rebeldia.

Infelizmente a violência na terra não só existiu na ficção. Na realidade, os relatos desses momentos históricos acompanham o desenvolvimento de um país conflituoso e contraditório e que, ainda, preserva as guerras sejam nas disputas de terras, mas também na relação de ocupação, desocupação, produção do modo de vida e a dinâmica do capital sobre a própria terra.

A fim de confrontar a própria contemporaneidade, esta monografia tem um papel importante em causar reflexões acerca da história, da literatura e, feitas, poderemos identificar o mesmo movimento de cem anos atrás ainda nos dias de hoje.

Walter Benjamin e Giorgio Agamben produziram suas críticas pautadas na relação do indivíduo e as diferentes temporalidades que o abraçam, portanto, as reflexões que eles trouxeram à tona norteiam, de certa forma, mais uma das justificativas de todo esta pesquisa.

Intelectual que produziu suas críticas no século passado, judeu e de posicionamento de esquerda, Walter Benjamin apresenta um estudo sobre a dicotomia “cultura e barbárie”. Motivado pelos acontecimentos que marcaram as revoluções das primeiras décadas do século XX, encontramos uma proposta, em *Sobre o conceito de História*, de estabelecer maneiras para se enxergar e criticar a modernidade.

Influenciado pela Escola de Frankfurt, Walter Benjamin produziu um pensamento crítico em consonância com os postulados de Marx, na medida em que chama a atenção para a presença, no presente, de “*ecos de vozes que emudeceram*” (BENJAMIN, 1986, p. 223), sem perder de vista a relação não absoluta entre o passado e o presente, ao abordar esse “*encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa*” (BENJAMIN, 1986, p. 23).

Se o debate é respeito de indivíduos e temporalidades, é importantíssimo ressaltar que o presente interfere no próprio modo de vida de cada sujeito no espaço, por isso Walter Benjamin defende a ideia de que os indivíduos recorram ao materialismo histórico para contemplar o entendimento da realidade a partir da reconstrução dos fatos históricos, e não pela reposição exata daquilo que foi.

Na terceira tese, por exemplo, Benjamin defende que uma humanidade redimida pode apropriar-se do passado, para compreender seu presente, já que nenhum acontecimento está perdido para a história. Feito isso, cada sujeito será capaz de interpretar seu contexto e, com o auxílio do aparato histórico, reconstituir os momentos que marcaram e foram importantes até então para sua presença no mundo e na situação em que se encontra.

Nesse momento, é imprescindível que civis, políticos e entidades reflitam o passado pois com este exercício, evitaremos nos deixar que as mesmas atrocidades se repitam no presente.

A história, enquanto vestígio ou aquilo que chama, na tese 6, “*reminiscências que relampejam*”, surge composta, na concepção benjaminiana, como um bloco não monolítico, não fixo, não absoluto, porque os seus despojos possibilitam uma construção que não está mais baseada na concepção hegeliana de causa e efeito, mas, na esteira e na herança da perspectiva nietzschiana, fundamenta-se na percepção de uma história que pode ser recuperada pelos vestígios e pelas ruínas que ela deixa.

Outro autor fundamental para essa discussão sobre a relação entre indivíduos e temporalidades é Giorgio Agamben, sobretudo, porque ele pode ser visto como um dos sucedâneos das teorias de Benjamin até os dias de hoje. Incorporando o debate já levantado por Benjamin em relação ao indivíduo e o tempo que vive, Agamben toma posição em relação ao presente ao defender sua tese, enquanto um sujeito contemporâneo. Para ele, um indivíduo contemporâneo reconhece seu tempo mas, ao mesmo tempo, é capaz de perceber

criticamente e entender as mudanças, as mazelas e os acontecimentos do seu tempo. Ou seja, o indivíduo contemporâneo é aquele capaz de produzir seu próprio estranhamento a partir do que vê no cotidiano da política e da vida social.

Tão logo, o indivíduo contemporâneo pratica o exercício de cindir, desassociar, separar, enxergar, afastar-se e aproximar-se para ir além de sua época. Ou seja, ele sabe o seu lugar no tempo e reconhece a necessidade de nele residir.

Outra particularidade relevante levantada por Agamben (2009) é que ele trabalha com a ideia de um tempo não rigorosamente cronológico, mas com a percepção de um determinado tempo, subjetivo e relativo.

Um ponto importante, que liga os dois teóricos pelos seus escritos estudados, se baseia no fato de que Benjamin (1986) afirma que pensar e articular criticamente o passado representa confrontar-se inclusive com os perigos do presente. Em paralelo, Agamben (2009) ressalta que o indivíduo contemporâneo é um sujeito que questiona a origem, o passado e o presente para conseguir projetar o futuro e analisar de forma crítica o que se passa em sua volta.

O fracasso dos indivíduos que não preservam o olhar crítico para o passado ou para o contemporâneo permite a insurgência do perigo, tal como foi presença do nazifacismo, na época de Benjamin, e como ele próprio faz questão de anotar.

Cabe ao indivíduo contemporâneo, aquele insatisfeito com seu próprio tempo, afastar seu olhar e enxergar o não vivido no vivido. São as possibilidades e desejos de mudança, de insatisfação e de crítica, tal como sugere Agamben (2009).

Outro ponto comparativo importante a ser destacado pode ser encontrado na tese 10, onde Benjamin afirma que recusar a história é permitir que a ameaça do presente invada a realidade. Ora, para Agamben, um indivíduo contemporâneo é aquele capaz de compreender o passado e o presente para, então, perceber diferentes dimensões conceituais temporais. É atuar no entendimento e romper as barreiras da ignorância e distorções que a própria política utiliza para se assegurar no poder.

Realizada a compreensão que a história pode oferecer, enxergar nesse passado recuperado de forma menos hierárquica aponta para possibilidades de renovação. Isto se faz necessário, sobretudo, ao indivíduo contemporâneo que consegue enxergar alguns pontos

escuros produzidos pela luz, e, nesse exercício, identificar a sutileza do vivido e voltar a um presente na qual nunca estivemos.

Então, se faz necessário sermos contemporâneos e agarrar as possibilidades que a história e o passado oferece para refletirmos nossa realidade, o presente e pensar em nosso futuro. Tomar a consciência histórico-temporal promove uma grande oportunidade de dar atenção às inquietudes das sombras, àquilo que não está completamente disposto em lugares iluminados.

Ao identificarmos as problemáticas que envolvem os estudos agrários no século XXI ainda preserva resquícios marcantes de outros tempos. Guardadas as diferenças, nota-se que a luta pela terra basicamente, sofre com o deslocamento temporal. A sociedade narrada por Jorge Amado em *Terras do sem-fim* não é muito diferente dessa que promove o avanço da monocultura na floresta amazônica e, sobretudo, no MAPITOBA (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia), estados esses que sofrem com o capitalismo selvagem que derruba florestas nativas, dizima populações tradicionais, extingue fauna, flora e altera a dinâmica espacial.

Como pontapé inicial dessa discussão está pesquisa pode proporcionar impressões e reflexões sobre a temática agrária na obra. Entretanto, para estudos futuros, acredito que caiba um aprofundamento na questão migratória nordestina nas primeiras décadas do século XX, mesmo reconhecendo que os recursos e as fontes são escassas, realizar esta investigação contribuirá ainda mais na consolidação de mais bases para o entendimento histórico-temporal e geográfico dos sujeitos que habitaram o campo brasileiro.

Alguns números assustam; a Comissão Pastoral da Terra, uma das maiores entidades da militância que produz relatórios anuais sobre conflitos no espaço agrário brasileiro, no livro *Conflitos no Campo Brasil 2019* relata que 32 pessoas foram assassinadas no campo e 30 sofreram tentativas de assassinato. As vítimas foram divididas entre as categorias, sendo o número relativo à quantidade de mortes.

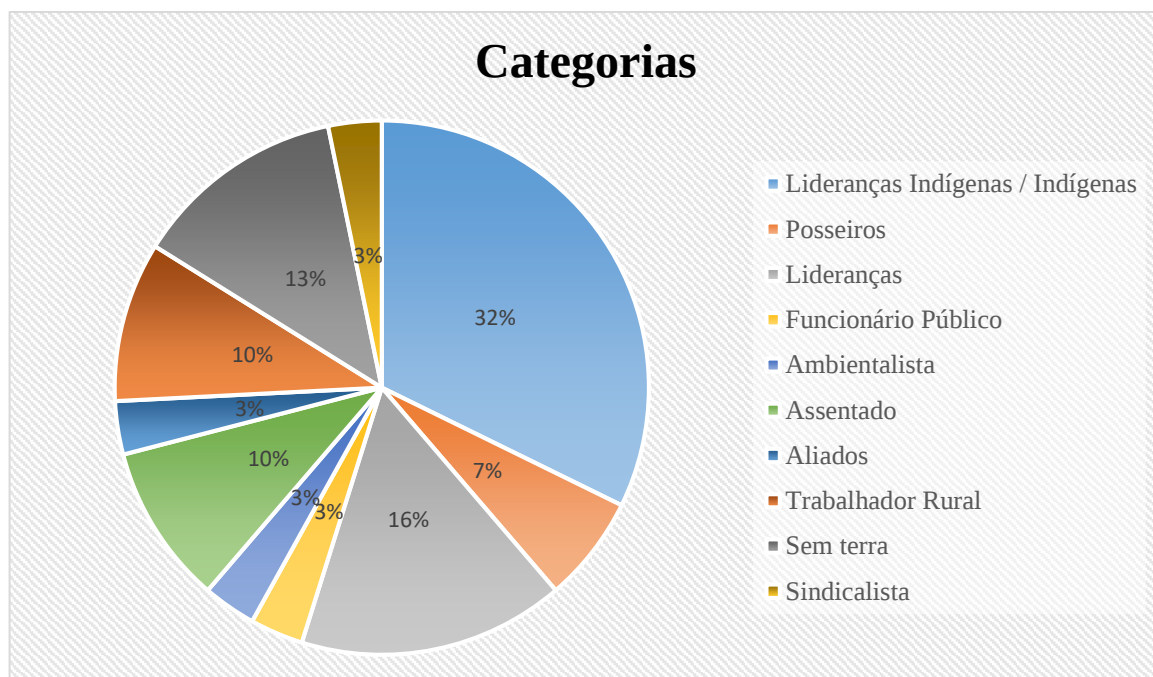


Gráfico 1. Categorias segundo a CPT dos assassinados no campo em 2019. **Fonte:** CPT, 2019. **Org.:** do autor, 2020.

É notável os mortos na terra em 2019 não são quaisquer figuras, mas sim representantes que resistem em defender seu espaço e suas vidas no campo, como indígenas, trabalhadores rurais, ambientalistas, lideranças entre outros.

Com a literatura histórica precisamos reconhecer a luta e o sofrimento daquela gente que perdeu suas vidas pela ganância e pelo dinheiro. Realizar a leitura de obras que reproduzem as inquietações do autor e os problemas sociais de seu contexto é um ato de generosidade com a própria sociedade presente, já que os ensinamentos desta literatura reverberam no modo de se pensar o social, a política e, no caso de “Terras do sem-fim” o campo brasileiro.

Este estudo não é um “*Disparo contra o sol*” (CAZUZA, 1988), é uma tentativa de instigar através desta leitura, juntamente com o romance de Jorge Amado, o pensamento crítico sobre nossa história, sobre a luta camponesa, e não permitir que as tristes realidades deste mesmo campo continuem a existir e não deixar “*o futuro repetir o passado*” (CAZUZA, 1988), pois como sujeitos contemporâneos e cientes de que o tempo não para, precisamos refletir sobre os acontecimentos e as mazelas de nosso tempo.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. In: **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. São Paulo: Argos, 2009, p. 55-76.
- AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado Uma Biografia**. São Paulo: Todavia, 2018.
- ALFREDO, Anselmo. **Crítica à economia política do desenvolvimento e do espaço**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2013
- ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Acs Poética, 1995.
- AMADO, Jorge. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem**. Rio de Janeiro, Record, 1992.
- AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- AMADO, Jorge. **O menino grapiúna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- AMADO, Jorge. **Suor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- AMADO, Jorge. **Terras do sem-fim**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- AMADO, Jorge. **Tocaia Grande**. Rio de Janeiro: Record, 1984
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras completas, volume 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense: 1986.
- BOMBARDI, L. M. **Natureza, Ambiente e Conflito**. In: CARLOS, A. F. A. & CRUZ, R. C. A. A Necessidade da Geografia. São Paulo: Editora Contexto, 2019.
- CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 1992.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019.
- DA TERRA, CPT-Comissão Pastoral. **Conflitos no Campo Brasil 2019**. Goiânia: CPT Nacional, 2020.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço e indústria*. São Paulo: Editora Contexto, 1988.
- CAZUZA. **O tempo não para**. (1988). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9O_q6sMeYXc>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

COLÂNGELO, A. C. **A Natureza na Geografia**. In: CARLOS, A. F. A. & CRUZ, R. C. A. A Necessidade da Geografia. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

FUJIKAWA, Eduardo Shigueo. Os direitos humanos em Ilhéus: Breves reflexões de ontem e hoje. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, v. 14, n. 26, p. 71-94, 2016.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **História e sociologia no “romance novo” de Jorge Amado**. In: AMADO, Jorge. São Jorge dos Ilhéus. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GOLD, Michael. **The New Masses**. Volume 4. New Masses. Nova York, 1930.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

IANNI, Octavio. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**. Tradução: Oswaldo Bueno Amorim Filho. São Paulo: DIFEL, 1986.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

MARTINS, José de Souza. **O Cativo da Terra**. São Paulo: Hucitec, 1986.

MARQUES, M. I. **Natureza e Sociedade**. In: CARLOS, A. F. A. & CRUZ, R. C. A. A Necessidade da Geografia. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

MARQUES, M. I. **O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira-PB**. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. (Dissertação de mestrado)

NABARRO, Sergio Aparecido. **Modo de vida e campesinato no capitalismo: contribuições, limites e a construção de um entendimento do campesinato como modo de vida**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-24112014-174721. Acesso em: 2020-04-25.

OLIVEIRA, A. U. **A geografia das lutas no campo**. 7ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 1996.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 185-206, Dec. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 de Dezembro de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142001000300015>.

PAPES, Cleide da Costa e Silva. **A Vivência e a Invenção na Palavra Literária**. São Paulo: Paulinas, 2008.

PELLEGRINI, Tânia. **Realismo e Realidade na Literatura um modo de ver o Brasil**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2018.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. São Paulo: Editora Record, 2008.

ROSENFELD, Anatol. **Literatura e Personagem**. In: CANDIDO, Antonio et al. A personagem de ficção. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, M. L. S. **Fluxos Migratórios no Sul da Bahia**: da Realidade Identitária do Cacau à Realidade do Ensino Superior. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2013.

SCLIAR, Moacyr. **Retrato do artista quando jovem**. In: AMADO, Jorge. O menino grapiúna. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOARES, A. R.; RIBEIRO, E. Análise do conceito de Território na obra Terras do sem fim, de Jorge Amado. **Boletim de Geografia**, v. 32, n. 1, p. 121 - 132, 29 set. 2014.

STÉDILE, João Pedro. **Questão agrária no Brasil**. 8ª ED. São Paulo: Atual Editora, 1997.

SILVA, V. C. P. & SUZUKI, J. C. Apresentação. In: SUZUKI, Júlio César; SILVA, Valéria Cristina Pereira da (Orgs.). **Imaginário, espaço e cultura: geografias poéticas e poéticas geografias**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, n.5, p.129-147, set.2017.